ANDRÉA GALLANI PINTO

1290000058
FE
TCC/UNICAMP P658r

Representações sociais sobre a função do professor

Campinas
1997

M
P658r
487/FE

UNICAMP ... TECA

ANDRÉA GALLANI PINTO

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A FUNÇÃO DO PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia com habilitação em Administração Escolar, Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a orientação da Professora Dra. Águeda Bernadete Uhle.

Campinas
1997

UNIDADE FE
Nº CHAMADA:
TCC
P658r
V: EX:
TOMBO 058
PROC. 124/2003
C: D: X
PREÇO 11,00
DATA 29/10/03
Nº CPD

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

P658r

Pinto, Andréa Gallani
Representações sociais sobre a função do professor / Andréa Gallani. – Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador : Agueda Bernadete Uhle.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Professores e alunos - Relações. 2. Memória. 3. Imaginário. 4. Educação e sociedade. I. Uhle, Agueda Bernadete. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

A meus pais e irmãos

"Na escola as aulas me aborreciam. Desenhar com lápis de cor, que era bom, pouco se desenhava. Dona Zélia escrevia números e letras com hastes compridas, difíceis de copiar. Eu mastigava a ponta do lápis, chupava a gola da blusa, olhava pela janela os urubus manobrando no céu alto. Depois do meio-dia, o tempo parava. Ruídos ao longe - a serra da marcenaria, o pregão de um ambulante - e ruídos próximos - a tosse de um menino, o arrastar dos pés no chão - não abafavam a voz dominadora de Dona Zélia.

- João, acorde! - Eu divagava, o espírito ausente.

Na escola, e só para Dona Zélia, eu era João. João Sacramento Neto, bom de assinar caprichando na caligrafia. Filho do boticário João Sacramento Junior, neto do velho João Sacramento - ambos conhecidos como Juca. Em casa e na rua, eu era o Juquinha. Por extenso, Juquinha do Boticário. Ou Juquinha da Carmela, como acabei mais conhecido.

- João, à tabuada. - Eu me levantava, os olhos ofuscados pela claridade lá de fora. Atropelava a tabuada, quanto era sete vezes oito? Respondia errado, não respondia. Os colegas espevitados levantavam o dedo, agitavam a mão no ar e me davam o quinau, com humilhação. Ia direto para o castigo, de pé, a cara contra a parede, os braços cruzados nas costas. Examinava cada uma das rachaduras, sonhava que era um rio correndo, ou uma estrada caminhando para longe. E pedia a Deus que aparecesse uma formiguinha para me distrair.

Para fazer um berimbau, bastava uma pena de aço partida ao meio e enfiada numa fresta qualquer. Relegado à última carteira, na modorra da sala o meu berimbau naquela tarde punha no ar as vibrações que se prolongavam em dois ou três tons. Olhos atentos, Dona Zélia ergueu a cabeça e se encaminhou, devagar, na minha direção. O colega do lado me denunciou porque tinha inveja do melhor berimbau do mundo. A classe quieta e a professora, tensa, cada vez mais perto. Eu tinha consciência do risco que corria. Não contive, porém, o entusiasmo do artista e toquei mais uma vez o berimbau.

Sem pressa, Dona Zélia me pegou no fundo da sala e me puxou pela orelha até diante do estrado. Levantou a régua no ar e hesitou. Era preciso primeiro me passar em revista. Eu tentava esconder a blusa manchada de tinta e olhava envergonhado o meu pé descalço, ferido num caco de vidro. A professora consultou o relógio: no mínimo uma hora de prisão depois

das aulas. E o castigo ia começar na certa com umas boas reguadas ali à vista de toda a classe.

A cara colada contra a parede, na expectativa dos primeiros golpes, de repente a sineta soou lá de fora. Não era o toque que anunciava todo dia o fim das aulas. Eram pancadas aflitas e desordenadas. Ninguém duvidava de que alguma coisa estranha estava acontecendo. Um homem alto, desconhecido, entrou na sala com um passo autoritário e conversou baixinho com a Dona Zélia. Saiu e deixou um susto no ar. Mal contendo a emoção, Dona Zélia mandou que fôssemos para casa sem parar pelo caminho. Nem depressa demais, nem muito devagar.

Lá fora nos dispersamos, cada um para o seu lado. As casas fechadas, as ruas desertas, o silêncio era de pânico. Janelas entreabertas, um ou outro rosto ousava sondar o que havia. Ninguém atinava com a causa da pesada atmosfera de medo que paralisava Lagedo. Só mais tarde, ninguém sabia como , passaram a circular as notícias alarmantes. Em algum lugar, cada vez mais próximo, começava o confronto. Mais um pouco e já se falava em combates. A tropa dos rebeldes vinha vindo e daí a pouco ia conquistar as posições importantes e dominar a cidade. Na casa da Câmara, o Doutor Arestides prometia resistir. Ia correr sangue na luta fratricida.

Livre das mãos da Dona Zélia, eu tinha sido salvo pela Revolução."

(RESENDE, Oto Lara. ***A testemunha silenciosa.***
São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp.: 11-13)

SUMÁRIO

I-Introdução 7

II-Problematização 8

III-Objetivos 11

IV-Quadro teórico: Oimaginário e as representações sociais 12

V-A feminização do magistério 18

VI-Metodologia 22
- **1**- A teoria
- **2**- Caracterização dos ambientes
- **3**- A prática

VII-Ser professor? 29

VIII-Conjecturas acerca das entrevistas.....39

IX-Para terminar.....48

X- Anexos.....50

XI- Bibliografia citada.....76

XII-Bibliografia recomendada.....79

I- INTRODUÇÃO

A convivência social insere-se na sala de aula, de modo que alunos e professores vivem situações que exigem interação. Conhecer um pouco do que acontece nas salas de aula que influencia o processo educativo foi um dos objetivos desta pesquisa.

Entender quem está nas salas de aula, o sentido de seu trabalho e a representação que a sociedade tem sobre as funções do professor foram algumas questões deste trabalho.

A primeira parte descreve a problemática que orientou o trabalho, bem como seus objetivos e a metodologia empregada para se obter os resultados da pesquisa. A seguir fez-se uma descrição da prática utilizada e seus resultados.

No quadro teórico fez-se uma análise sobre a concepção de representação e imaginário social, afim de justificar a metodologia utilizada na coleta de dados - as entrevistas.

Em seguida buscou-se explicitar o processo de feminização do magistério, uma vez que a porcentagem de professoras lembradas nas entrevistas é maior que a de professores.

A metodologia foi explicitada em três partes: a teoria que conduziu a pesquisa, a caracterização dos dois ambientes onde ela se realizou e a descrição da prática.

Na análise do imaginário achei também interessante acrescentar as minhas representações acerca da função do professor, por serem elas, de certa forma, que me conduziram ao curso de Pedagogia.

A seguir passou-se à transcrição das entrevistas realizadas no Shopping Center Galleria e no Mercadão Municipal.

Por último faz-se a revisão bibliográfica dos autores estudados no presente trabalho, bem como de outros que orientaram a pesquisa.

II- PROBLEMATIZAÇÃO

Segundo Vygotsky "o homem transforma-se de biológico em sócio-histórico, num processo em que a cultura é parte essencial da constituição da natureza humana. Não podemos pensar o desenvolvimento psicológico como um processo abstrato, descontextualizado, universal: o funcionamento psicológico, (...), está baseado fortemente nos modos culturalmente construídos de ordenar o real"(OLIVEIRA, 1993: 24).

Podemos perceber então que a relação do homem com o mundo não é direta, mas mediada por sistemas simbólicos que são elementos intermediários entre o sujeito e o mundo. A presença de elementos mediadores introduz um elo a mais nas relações organismo/meio, tornando-as mais complexas.

O jogo simbólico, nexte contexto, tem a função de capacitar o indivíduo a lidar com representações que substituem o próprio real, possibilitando ao indivíduo libertar-se do espaço e tempo presentes bem como incentivá-lo a fazer relações mentais na ausência das próprias coisas, quer seja por imaginação, intenção ou planos.

Dessa maneira, "é o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve que lhe fornece formas de perceber e organizar o real, as quais vão constituir os instrumentos psicológicos que fazem a mediação entre o indivíduo e o mundo"(OLIVEIRA, 1993: 36).

Essa cultura é vista aqui como todo momento de criação/recriação, interpretação/reinterpretação de informações, conceitos e significados. A vida social é um processo dinâmico e ativo, onde cada indivíduo interage com o mundo cultural e com o subjetivo de cada um. A interação cultural ocorre através de diversos elementos do ambiente, fornecidos pelas relações entre os homens. Os sistemas simbólicos aliados à linguagem são de relevante importância na comunicação entre os indivíduos e o ambiente no qual está ocorrendo a interação.

A aquisição de informações, habilidades, atitudes, valores etc, a partir do contato com a realidade, meio ambiente e com outras pessoas enriquece o processo de aprendizagem.

A escola tem o papel de estimular o aluno, através de sua compreensão do mundo, para que consolide seu desenvolvimento, interferindo em suas escolhas com o objetivo de promover o processo de amadurecimento, sem no entanto, acabar com a livre expressão e a liberdade de pensamento do aluno. "A intervenção de outras pessoas - que, no caso específico da escola, são o professor e as demais crianças - é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo"(OLIVEIRA, 1993: 62).

Levando em conta que a sociedade vive em transformação de culturas, a constante recriação cultural do aluno deve ser respeitada e conhecida pelo professor, afim de ser aproveitada qualquer manifestação cultural na sala de aula.

O aluno e o professor assumem, na sala de aula, posições distintas, de cuja interação resultam a aprendizagem e a educação. Não são posições estáticas, mas dinâmicas, pois o aluno também ensina e o professor também aprende. O diálogo é a característica essencial da educação que pretende formar para a liberdade e o exercício consciente da cidadania.

Em termos culturais, os alunos estão num período em que sofrem a influência marcante das gerações adultas que, principalmente através da escola, procura levar as novas gerações a assumir os padrões culturais considerados adequados para a vida social. Deve-se contudo, observar que, principalmente a partir da adolescência, os jovens sofrem a influência crescente dos grupos de colegas da mesma idade, que fortalecem seu desejo de independência e valores muitas vezes diferentes dos que são transmitidos pelos adultos.

A aprendizagem pode resultar da atividade individual e da experiência do indivíduo no mundo; entretanto, a educação ultrapassa a aprendizagem requerendo a vida social coletiva. Na sala de aula, a educação resulta da convivência social, dos alunos entre si e com o professor.

Paulo Freire distingue duas concepções básicas de educação: a educação bancária e a educação libertadora. Na educação bancária "(...) educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos (...)" (1988: 59). O educador é o que sabe, educa, disciplina; o aluno é o que não sabe, é educado, pensado e disciplinado.

Já a educação libertadora implica a superação dessa contradição educador/educando. "A educação libertadora problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir 'conhecimentos' e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação 'bancária' (...) Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os 'argumentos de autoridade' já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra* elas" (FREIRE, 1988: 68).

A escola é uma totalidade complexa, dentro da qual ocorrem processos e fenômenos objetivos. O professor pode ser considerado como parte das condições de funcionamento dessa complexa escola; o professor pensa, além de poder ser pensado e estudado. Aquilo que ele faz e diz e sua maneira de se relacionar com o aluno podem ser investigados de fora, associando-se as representações que aqueles que passaram e ainda passam pela escola (alunos e ex-alunos) têm acerca de seu papel.

O homem é um ser sócio-histórico que tem uma relação com o mundo mediada por representações, é por meio delas que o homem percebe e organiza o real. A escola é a instituição que tem a função de capacitar o indivíduo a lidar com as representações. Captando-se o imaginário de um grupo de adultos sobre a função do professor é possível conhecer também essa escola, à qual o indivíduo passa boa parte de sua vida.

III- OBJETIVOS

O presente estudo tem como objetivo geral identificar as funções do professor a partir das representações sociais de alunos e ex-alunos. Isto se faz através da captação do imaginário dos atores envolvidos no processo.

Já os objetivos específicos caracterizam-se por:

- comparar as representações sociais de um grupo de adultos sobre a função do professor, analisando as imagens que este grupo guarda de seus professores;

- analisar as concepções de representação e imaginário sociais.

IV- QUADRO TEÓRICO
O IMAGINÁRIO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O conceito de representação social foi abordado por vários autores, com pontos de divergência e concordância; neste trabalho serão apresentadas as definições que melhor se enquadram nos objetivos da presente pesquisa.

Um dos meios de se captar o real é através das entrevistas, dos relatos orais; sendo o indivíduo um fenômeno social, "aspectos importantes de sua sociedade e do seu grupo, comportamentos e técnicas, valores e ideologias podem ser apanhados através de sua história" (QUEIROZ, 1988: 28).

O homem é formado não só de sua história natural (que o produziu tal como ele é, com suas características genéticas), mas também da sua teoria individual que o constitui como estrutura. "Por isso, ele é um indivíduo, uma pessoa, imersa em sua história e em suas lembranças" (PRODI, 1993: 107). A leitura das lembranças e consequentemente do mundo significa a utilização da memória como aparato integrado e vivo enquanto posto a funcionar.

Os fenômenos da memória pertencem igualmente ao campo das emoções, das percepções, ao reforço de processos motores e da experiência intelectual. "Todo o reforço dos conhecimentos e habilidades e a capacidade de aproveitá-los pertencem à área da memória"(LURIA, 1991: 39).

Ao atribuir sentido às suas relações sociais, o homem elabora sua percepção da realidade cotidiana, realizando sua experiência através da percepção, de onde concebe uma visão de mundo (numa rede de representações) que inclui conhecimentos teóricos e práticos, o senso comum, valores, regras etc. Tudo isso é capaz de armazenar na memória.

As representações sociais constituem construções individuais de um sistema mais ou menos coerente de percepções, imagens, atitudes, informações. Estas construções seguem uma lógica e uma linguagem particular e são uma maneira de pensar a realidade cotidiana, bem como uma forma de conhecimento social que expressa e constrói uma visão de realidade.

UNIC[illegible]TECA

Nossas imagens sensoriais generalizadas, assim como os conceitos, contém movimento e, por consequência, contradições. A representação do objeto inclui não apenas o igual na variedade de objetos, mas também as especificações diferenciadas. "Não apenas os conceitos são dialéticos, mas também as nossas representações. Por isso elas são capazes de cumprir uma função que não se reduz ao papel de modelos, padrões fixados e correlacionados com as influências recebidas pelos receptores. Assim como a imagem psíquica, as representações existem de modo inseparável da atividade do sujeito, o que as transforma em vivas e criativas" (FRANCO, 1983: x).

As representações sociais expressam-se nos contextos dos quais emergem, nas comunicações pelas quais circulam, dessa forma os indivíduos criam e recriam a realidade social de modo intermitente e, ao fazê-lo, "(...) contribuem para amalgamar visões reconhecidas, pontos de vista em formação, críticas, contestações, perspectivas de futuro" (WEBER, 1996: 47).

Segundo Leontiev (1978) é pela atividade que se produz a transição do objeto em sua forma subjetiva; da mesma forma através da atividade se processa a transição do conteúdo subjetivo para seus resultados objetivos, ou seja, para os produtos e realizações humanas.

Ressalta-se a interligação entre a atividade interior que se processa no conteúdo interno da consciência e a atividade externa; entende-se aqui que toda atividade interna a nível psicológico possui seu correspondente externo.

Para Rubstein (apud Basso, 1984) é a percepção que apreende a realidade e, suas imagens - quando reproduzidas pela atividade psíquica - transformam-se em configurações novas e diferenciadas que são as representações. "São estas representações que possibilitam a existência de uma vida interna. (...) as representações permitem que o passado volte ao presente e o futuro seja previsto. É um fenômeno psíquico amplo, abrangente, e que apesar de ser por vezes fragmentado e difuso, é essencialmente dinâmico, na medida em que as representações são capazes de transformarem-se em conceitos de acordo com o seu grau de generalização" (BASSO, 1984: 17).

Os estudos sobre representações sociais procuram analisar o processo de apropriação do mundo pelo homem, sendo a expressão entendida como o

processo de assimilação da realidade pelo indivíduo, fruto de um processo de integração de suas experiências, das informações sobre um objeto social que circulam no seu meio, bem como das relações que ele estabelece com outros homens.

Representações sociais são as afirmações que os indivíduos fazem sobre a sua realidade e sobre a sua interação com outros homens; é produto tanto de determinações históricas como do aqui e agora, e situa o indivíduo no seu mundo. Essa história pode ser captada através das memórias e lembranças do indivíduo.

As representações sociais estão relacionadas à linguagem, ao nível simbólico e ao imaginário. Representar é ter lugar de, estar no lugar de, é o representante mental de qualquer coisa: "(...) objetos, pessoas, acontecimentos, idéias etc, sendo que a representação se apresenta como símbolo, sinal. Não há representação social que não seja aquela de um objeto mítico ou imaginário. Na representação está presente o conteúdo concreto de um ato de pensamento, substituindo simbolicamente qualquer coisa ausente, aproximando qualquer coisa distante; a representação busca fundir percepção e conceito, considerando o seu caráter imaginável" (KANAANE, 1989: 83).

A representação salienta o caráter significante que fornece ao modo simbólico uma outra coisa ausente, podendo substituir os fatos presentes; ela não é simplesmente representação, mas construção que explicita no processo de comunicação, autonomia e a criação individual ou coletiva.

Moscovici (1984) afirma que a representação que temos do mecanismo psíquico afeta a maneira através da qual nós interpretamos as informações que recebemos a respeito das pessoas e da maneira de avaliá-las.

Sendo assim, "(...) a representação é a valoração da realidade com caráter apreciativo ou depreciativo, importando, para esse movimento, que o objeto representado esteja ausente, restando somente sua representação. O valor do objeto vai depender das condições impostas pela sua representação, quando de sua ausência. A representação permite a transferência do objeto ausente (no campo do imaginário) para o espaço presente, sem que ele se desloque do campo inicial, criando não apenas uma percepção do representado, mas uma apresentação virtual, potencial, segundo um esquema de valoração imanente à própria representação" (SILVA, 1995: 13).

Enquanto interpretações do indivíduo (sobre fatos ou fenômenos, história, social e culturalmente condicionados) as representações sociais desempenham uma mediação entre o indivíduo e seu papel subjetivo de um lado e a realidade de outro. "As representações são as formas pelas quais os indivíduos explicitam sua apreensão do real" (GARCIA, 1997: 162); constituem a exteriorização do subjetivo em função do que é e de sua atuação no momento em que vive.

No espaço do cotidiano, as relações interpessoais garantem o mundo da intersubjetividade, é neste espaço que o homem apreende os significados dando-lhes sentido ao mesmo tempo em que percebe-se a si no mundo comum e no mundo dos outros, com quem divide a vida, as percepções e as representações. Pode se afirmar que as representações sociais manifestam-se das experiências vividas pelos indivíduos, sempre num contexto histórico, social e cultural cheio de significados. "Num processo de trocas entre o indivíduo e a sociedade, marcado pela pressão, transformação e assimilação do social, o indivíduo constrói suas imagens das coisas do mundo" (GARCIA, 1997: 52).

O imaginário é povoado de representações simbólicas do real. São as relações com o real que estão no centro da vida imaginária; no despertar de imagens que repercutem nos indivíduos encarnando um certo sentido. O imaginário se alimenta de realidade.

"Imaginar é evocar seres, colocá-los em determinada situação, fazê-los viver como se quer. É criar um mundo a seu bel prazer, libertando-se. Tudo é possível. Tudo acontece. Na vida artística, imaginar é um ato criador. Na vida cotidiana, imaginar é uma atividade paralela à ação que exercemos, ligada à realidade. A imaginação é um processo. O imaginário é seu produto" (POSTIC, 1993: 13).

Não há um desligamento do real, o imaginário caminha junto com a realidade. Tal acontecimento ou pessoa encontrada provoca ressonâncias, despertando imagens, por associação. As relações do indivíduo entre o real - visível ou invisível - e o mundo, é que estão no centro da vida imaginária; não na busca de um significado mas no despertar de imagens que repercutem e personificam um sentido.

As produções imaginárias se dão de modo simbólico. Através da personagem simbólica há uma fuga do face a face com a personagem real, e

tudo o que acontece vai aparecendo numa sequência natural. Imaginar não é pensar, é explorar fatos dos quais se tira uma visão; pelo imaginário o indivíduo encontra vínculos com o mundo real, interiorizando significados, realizando trocas sociais; o diálogo entre o imaginário e o real garante o equilíbrio do indivíduo.

Para o aluno os professores são representações simbólicas que, no imaginário, podem despertar simpatia ou antipatia, aproximação ou hostilidade. No imaginário, o aluno está sozinho com o professor, sem o olhar dos outros.

Poderíamos classificar o imaginário como uma realidade paralela, virtual, aquela que poderia explodir a qualquer momento, ou nunca; mas está sempre presente, é um outro registro que se faz dos acontecimentos. Assim, "(...) buscamos no mundo das imagens, dos símbolos um significado situado no plano racional. Essas relações que estabelecemos são o centro da nossa vida imaginária" (OLIVEIRA, 1994: 31). A dimensão imaginária é presente e ela se fixa no histórico real.

Para Rubstein (1982), a linguagem está intimamente relacionada com o pensamento, e a palavra é que expressa pensamentos, conceitos, sentimentos, entre outros fenômenos psicológicos. Desta maneira, a linguagem se relaciona com a consciência como um todo. E pela linguagem a consciência de um indivíduo pode ser apreendida por outras pessoas, ou seja, a fala é a expressão da consciência e de seu conteúdo íntimo. Consequentemente através da fala, do discurso, torna-se possível captar as representações sociais.

A linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos. O desenvolvimento da linguagem e suas relações com o pensamento é um dos temas centrais dos estudos de Vygotsky.

Vygotsky dedicou-se ao estudo das funções psicológicas superiores, interessou-se em compreender os mecanismos psicológicos mais complexos (típicos do ser humano) que envolvem o controle consciente do comportamento. Esse modo de funcinamento psicológico não está presente no indivíduo desde o seu nascimento; as atividades psicológicas mais sofisticadas são frutos de um processo de desenvolvimento que envolve a interação do organismo individual com o meio físico e social em que vive. "A aquisição da linguagem definirá um salto qualitativo no desenvolvimento do ser humano" (OLIVEIRA, 1993: 26).

Vygotsky trabalha com a noção de que a relação do homem com o mundo não é direta, mas uma relação mediada. Essa mediação pode ocorrer através:

- dos instrumentos: o instrumento é feito ou buscado especialmente para um certo objetivo; é um elemento interposto entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho;

- dos signos: elementos que representam ou expressam outros objetos, eventos ou situações. O signo é uma marca externa que auxilia o homem em tarefas que exigem memória e atenção.

"A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher etc), é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho" (VYGOTSKY, 1984: 59).

A principal função da linguagem é a de intercâmbio social, o desenvolvimento da linguagem se faz pela necessidade de comunicação.Um bebê pode manifestar-se através de sons, gestos e expressões, porém para os adultos é necessário a utilização de signos que traduzam idéias, sentimentos, vontades etc, de forma precisa. A linguagem ordena o real, agrupando todas as ocorrências de uma mesma classe de objetos, eventos, situações, sob uma mesma categoria conceitual.

O pensamento e a linguagem, que refletem a realidade de uma forma diferente da percepção, são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. "As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo" (VYGOTSKY, 1993: 132).

Assim podemos assumir com Vygotsky que as representações sociais englobam os fenômenos psíquicos que pertencem ao conteúdo interno da nossa consciência e são elaboradas a partir dos aspectos reais e práticos da vida dos homens. A representação social, entendida como a significação que os indivíduos atribuem à sua realidade, está corporificada ao seu discurso.

V- A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO

O processo da feminização mudou o perfil do professor primário praticamente em todo o Ocidente. A prática docente é hoje muito diferente da do início do século, tanto pela forma como é organizada quanto pelos seus agentes.

Nos séculos XVI a XVIII, a docência elementar era exercida quase que exclusivamente por homens e à medida em que o sistema de ensino se expandiu com o desenvolvilmento do capitalismo, passou a ser exercida principalmente por mulheres. Isso ocorreu em consequência dos fatores relacionados à condição cultural da mulher, à ideologia da domesticidade, à falsa identidade entre o trabalho de ensinar e as habilidades femininas e ao ideário do sacerdócio e da vocação.

Com a consolidação do capitalismo e crescente desenvolvimento da industrialização e da urbanização a escolarização tornou-se cada vez mais necessária. A escola se expandiu, com considerável aumento na oferta de vagas. "O professorado passou a constituir uma categoria social quantitativamente significativa. A feminização do magistério foi parte integrante e constitutiva desse processo, o que evidentemente não ocorreu somente por razões econômicas" (HYPOLITO, 1997: 49).

No Brasil os primeiros educadores foram, em sua maioria, os jesuítas por um período de aproximadamente duzentos anos. Eles eram os "donos" de uma organização escolar forte e centralizada, tinham a educação como missão e sua ação pedagógica e evangelizadora serviu aos interesses do Estado por muito tempo, ainda que conservassem grande autonomia e poder sobre seu trabalho.

Numa fase posterior há um certo vazio de organização e as "aulas régias" passam a ser as substitutas dos colégios dos jesuítas, naturalmente ministradas por homens, já que somente eles eram considerados capazes.

No início do século XIX são os homens que instalam as aulas particulares, com autonomia sobre o que ensinar, para quem, por quanto tempo e mediante qual remuneração. Esses professores, sem supervisão sobre seu trabalho, gozam liberdade para o exercício do trabalho docente.

Em meados do século XIX surgem as Escolas Normais em diferentes regiões brasileiras. Abertas a homens e mulheres, elas progressivamente tornaram-se escolas de mulheres. A profissão começava a ganhar contornos mais definidos.

Para a construção deste processo de feminização do magistério, contribuíram sem dúvida as transformações econômicas e sociais do país. Transformações estas que provocaram o crescimento e a diversificação das oportunidades de trabalho - para os homens - e, por outro lado, apontaram para a necessidade de escolarização mais ampla da população.

Às mulheres era reservado o mundo doméstico e sua participação no trabalho fora de casa precisaria ser justificada sem a negação de seu destino primordial (a profissão "do lar").

"Com raízes muito antigas, construiu-se uma divisão entre o mundo público (masculino) e o privado (feminino) que, se nunca foi rígida e definida, se oscilou e até mesmo inexistiu em algumas sociedades, ainda hoje não foi realmente destruída" (LOURO, 1989: 34).

A organização de funções e esferas de atuação - as mulheres seriam naturalmente dóceis, submissas, sensíveis, dependentes, pacientes; e os homens, mais lógicos, organizadores, fortes, decididos, independentes - foi construída historicamente e acentuou-se com o capitalismo. Mas o capitalismo trouxe também uma separação clara entre a casa e o local de trabalho. Provocou uma divisão entre o trabalho doméstico não remunerado - exclusivamente feminino - e o trabalho remunerado, fora do lar, que deveria ser preferentemente masculino.

Já no final do século XIX houve um crescente movimento de saída das mulheres do fechado mundo doméstico; elas passaram a ocupar diferentes lugares no mundo do trabalho: fábricas, escritórios e escolas.

A partir daí, para as moças das camadas médias, o magistério apareceria como a profissão ideal (a única bem aceita socialmente). Assim, as escolas normais eram o caminho para aquelas que precisavam trabalhar, bem como para aquelas que quisessem estudar um pouco mais.

Dentre as características que permitiram o ingresso maciço das mulheres na profissão de ensinar ou dentre as características que se adequavam às da profissão podem ser destacadas: "(...) a proximidade das

UNIC[illegible] [illegible]TECA

atividades do magistério com as exigidas para as funções de mãe; as 'habilidades' femininas que permitem um desempenho mais eficaz de uma profissão que tem como função cuidar de crianças; a possibilidade de compatibilização de horários entre o magistério e o trabalho doméstico, já que aquele pode ser realizado em um turno; a aceitação social para que as mulheres pudessem exercer essa profissão" (HYPOLITO, 1997: 55).

Assim, a compatibilidade de horários para o exercício do trabalho doméstico e o magistério foi uma das razões que facilitaram o ingresso da mulher na profissão. As professoras, além de lecionar, poderiam continuar executando tarefas do lar, próprias da mulher, cumprindo o papel de mãe, esposa e dona de casa.

Constrói-se então a relação magistério-domesticidade, ou seja, entende-se que o magistério é mais adequado para a mulher, por exigir o cuidado de crianças; ser professora é, de certa forma, uma extensão da própria mãe. "Além disso, o magistério passa a ser visto também como um bom preparo para a futura mãe de família. Que outra atividade proporcionaria o contato com princípios, assuntos e habilidades mais adequados à dona-de casa e de boa formação moral?" (LOURO, 1989: 35).

O trabalho num só turno é também ideal para as mulheres, permitindo-lhes combinar a atividade profissional com as responsabilidades da casa. Tudo isso favoreceu a aceitação social da profissionalização, como professora, para as mulheres.

"O ideário da vocação, o ideário do ato de ensinar, entendido como sacerdócio, como missão, que considera o professor como aquele que professa, é algo anterior à feminização do magistério. Mas o magistério como profissão feminina é uma síntese mais acabada de todas essas relações, pois se constitui numa combinação entre vocação/ ensino/ maternidade/ funções domésticas" (HYPOLITO, 1997: 57).

Outra característica dessa época era o fato de que, sendo mulheres as ocupantes da atividade docente, haveria uma justificativa para os baixos salários; habitualmente elas não eram o único ou principal componente do orçamento familiar e, supostamente, deveriam contentar-se com menor remuneração.

Nas primeiras décadas de nosso século ainda haviam esses mitos sobre a "professora mulher", a vocação, a qualificação de mãe/tia, a aceitação de baixos salários.

Nos anos 20/40, com o escolanovismo e o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova acentuam-se algumas dessas características. Objetivamente "(...) a dedicação, a doação e o amor continuam sendo enfatizados como os elementos fundamentais para o exercício da profissão e alarga-se em todos os níveis de ensino o contigente feminino, ainda recrutado nas chamadas classes sociais médias" (LOURO, 1989: 36).

Quanto à dedicação e ao amor, Paulo Freire (1993) afirma que a atividade docente exige amorosidade, mas também exige profissionalismo e competência e "exige a capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa [de ensinar] fenece" (10).

Ainda hoje, segundo Paulo Freire, tenta-se "adocicar" o trabalho da professora mulher, colocando-a na condição de tia: "a tentativa de reduzir a *professora* à condição de *tia* é uma 'inocente' armadilha ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de *adocicar* a vida da professora o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais" (1993: 25); neste contexto, recusar a identificação da figura da professora com a da tia não significa diminuir ou menosprezar a figura da tia, assim como aceitar a identificação não traduz nenhuma valoração à tia.

VI- METODOLOGIA

1- A TEORIA

Os instrumentos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa foram entrevistas com um grupo de adultos sobre a função do professor em dois ambientes diferentes e às vezes opostos, um Shopping Center e um Mercado Municipal, além de pesquisa bibliográfica sobre o assunto.

"O procedimento clássico para o estudo de uma representação social consiste no uso de material discursivo, seja por meio de entrevistas, questionários, seja mediante discursos já cristalizados em obras literárias, documentos, jornais, revistas ou gravações de rádio e televisão"(SALLES, 1995: 26).

A mente humana é altamente seletiva; ao olhar para um mesmo objeto ou situação, duas pessoas podem enxergar coisas diferentes. "O que cada pessoa seleciona para 'ver' depende muito de sua história pessoal e principalmente de sua bagagem cultural. Assim, o tipo de formação de cada pessoa, o grupo social a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros" (LUDKE & ANDRÉ, 1986: 25).

Os entrevistados foram informados sobre os objetivos da pesquisa e de que as informações seriam utilizadas exclusivamente para esses fins, sendo que os entrevistados ficariam sob sigilo. Feito isso, as entrevistas foram gravadas e logo após transcritas.

Num trabalho de entrevistas é preciso que o pesquisador remeta atenção ao entrevistado; "um pesquisador, na função de entrevistador, deverá desenvolver seu trabalho segundo sua técnica própria, fazendo uso de sua sensibilidade e senso de oportunidade, todavia não poderá negligenciar os aportes teóricos acumulados por disciplinas especializadas(...)" (UHLE, 1996: 14). Assim, buscou-se bibliografia específica sobre relatos orais e histórias de vida antes de se proceder às entrevistas. Os autores estudados - Demartini (1988), Queiroz (1988),

Ludke & André (1986), Uhle (1996) - possibilitaram uma apreensão acerca do método de entrevistas como coleta de dados.

As entrevistas faladas são ricas e cheias de elementos para análise, porém o material transcrito permite uma visão de conjunto, que admite uma visualização simultânea das várias informações de todos os entrevistados.

2- CARACTERIZAÇÃO DOS AMBIENTES

As entrevistas foram realizadas em dois contextos distintos: num Shopping Center de elite da cidade de Campinas - Shopping Center Galleria - e num Mercado Municipal da cidade de Campinas - Mercadão Municipal[1].

O Shopping Center Galleria situa-se próximo à Rodovia Dom Pedro I e o acesso é feito basicamente através de carro particular, não havendo parada de ônibus urbano nas proximidades. As lojas possuem material de primeira linha e os preços das mercadorias situam-se acima da média de preço das lojas do centro da cidade. Os produtos oferecidos no geral são roupas de vários estilos, calçados e bolsas, tapetes finos, artigos de papelaria e livraria, cosméticos de marcas famosas, chocolates finos, quadros e galeria de arte, relojoaria, materiais para presente dentre outros, além de oferecer serviços de caixa eletrônico bancário.

Além desses produtos há sete cinemas, parque de diversão, redes de fast food, lanchonetes, sorveterias, docerias e recentemente foi inaugurado um barzinho com danceteria, telão e vários outros atrativos. O Shopping contém ainda ampla área para eventos e congressos. Seu estacionamento é grande e nele são encontrados em sua grande maioria carros novos, nacionais e importados.

As pessoas que circulam pelo Galleria em sua maioria são bem vestidas e perfumadas, portando relógios, jóias e bijuterias, óculos de sol, bolsas etc. O interior das lojas é limpo e bem ventilado, sendo as vitrines bem decoradas. Os vendedores vestem-se bem, embora o atendimento aos clientes seja um tanto quanto indiferente e inexpressivo (análise particular e não generalizável).

O Shopping é amplamente decorado com plantas e cascatas de água. Há serviço de segurança desde a entrada, com cartão para o carro (sem ele o carro só sai do estacionamento com o documento do carro e do motorista) e

[1] O indicador classe social não foi trabalhado nesse estudo

vigilantes espalhados por todo o Shopping, com sistema de comunicação por rádio.

O Mercadão Municipal situa-se no centro da cidade ao lado de um terminal urbano de ônibus de onde sai condução para vários bairros periféricos. O estacionamento é pequeno e a parada é permitida por tempo limitado.

Os estabelecimentos constituem-se de açougues, peixarias, armazéns, feiras (verduras, frutas e legumes), floriculturas, bancas de produtos de limpeza, bancas de produtos diversos (peças para fogão, utensílios domésticos, vasilhas de plástico etc), bancas de bijuterias (presilhas, pulseiras, tiaras etc), banca de produtos religiosos afro-brasileiros (santos, velas etc), banca de temperos diversos etc.

As bancas são enfileiradas e divididas entre "ruas" para circulação dos fregueses. O ambiente é sempre cheio de pessoas, que circulam apressadamente, o barulho é intenso; há cascas de verduras e frutas pelo chão, os produtos ficam expostos, sendo poucos cobertos por alguma tela. Os vendedores anunciam os preços de seus produtos aos berros, como em feira livre; vestem-se com avental e barrete e seu atendimento é feito de forma a atrair o freguês, muitos usam de simpatia e espontaneidade no tratamento com as pessoas; também conversam entre si, dispensando cordialidade para com os vizinhos de banca. Os preços em média são mais baixos que nos supermercados da cidade. Os estabelecimentos possuem autorização e são supervisionados pela Prefeitura Municipal.

As pessoas que circulam pelo Mercadão geralmente estão cheias de sacolas de plásticos carregadas, quase não usam relógio e bijuterias e as bolsas (no caso das mulheres) são usadas penduradas à frente, em lugar visível, mostrando preocupação com assaltos.

Caracterizando-se os dois ambientes espera-se que os resultados das entrevistas mostrassem diferenças marcantes sobre o imaginário social dos indivíduos que representam os dois contextos sociais.

3- A PRÁTICA

Num primeiro momento as entrevistas seriam realizadas numa escola pública com alunos e professores. Ao entender que esses alunos, na maioria adolescentes, talvez não pudessem contribuir de forma a serem atingidos

todos os objetivos, pensou-se em outra parcela da população, que também tenha passado pela escola e que pudesse trazer da memória suas idéias e interpretações acerca da função do professor.

As entrevistas foram realizadas em duas etapas, num primeiro momento foram realizadas 16 entrevistas no Mercadão e 12 no Galleria. Após uma primeira análise sentiu-se a necessidade de entrevistar mais pessoas em ambos lugares.

A primeira tentativa de entrevista foi um fracasso. Sem preparação e sem gravador cheguei ao Shopping Galleria muito insegura. Após algumas voltas pelos pátios finalmente comecei a abordar as pessoas. Essa "coragem" não durou muito, ao entrevistar a segunda pessoa, o chefe dos seguranças do Shopping me abordou e proibiu de fazer meu trabalho alegando que o regimento interno não permitia entrevistas, e que eu deveria procurar a administração do Shopping durante a semana em horário comercial para ***tentar*** uma autorização.

Para não ocorrer outro incidente desse tipo resolvi procurar a administração do Mercadão, tentando assim não ser pega de surpresa novamente. A secretária informou que não haveria problema, mas aconselhou-me a voltar após as eleições, pois naquela época muita gente já estava fazendo pesquisa eleitoral e talvez isso prejudicasse meu trabalho.

Após orientação e leituras indicadas pela orientadora do projeto as primeiras entrevistas foram realizadas nos dias 19/11/96 no Mercadão e 24/11/96 no Galleria.

No Mercadão as entrevistas foram feitas numa terça-feira à tarde e o "movimento" era bem grande. Enquanto entrevistava uma pessoa, geralmente outras rodeavam o local para conferir o que estava acontecendo e duas pessoas chegaram a pedir para serem entrevistadas também.

Conforme orientação, cheguei ao Shopping sem entrar em contato com a administração e comecei minhas entrevistas. Era um domingo à tarde e não havia muita gente circulando pelos pátios, fiquei no primeiro piso, perto de uma lanchonete e comecei então a abordar as pessoas que de lá se aproximavam. Geralmente eram pessoas que haviam saído da sessão de cinema e estavam indo lanchar. Não tive problemas com os seguranças desta vez.

A segunda etapa de entrevistas no Mercadão ocorreu sem transtornos no dia 14/05/97 e desta vez trinta pessoas participaram, das trinta e duas abordadas.

No Galleria novamente tive problemas com os seguranças, que após a vigésima terceira entrevista pediram que eu me explicasse e parasse imediatamente de ***incomodar*** os clientes do Shopping. Fui novamente orientada a procurar a administração do Shopping e ainda a entregar o gravador até que me fosse dada autorização pelos responsáveis. Houve uma leve discussão pois me recusei a entregar o gravador e a fita com as entrevistas. Um dos entrevistados defendeu minha pesquisa, mas para não criar maiores confusões dei por encerrada essa segunda fase. Mesmo após parar com as entrevistas os seguranças ficaram me ***vigiando*** de longe, o que me causou um grande constrangimento. Mesmo assim ainda realizei mais quatro entrevistas no estacionamento e me dei por satisfeita.

Fazendo uma breve análise estatística podemos verificar:

1- Quanto ao grau de escolaridade:

a) no Mercadão, das 46 pessoas entrevistadas:

- sem escolaridade: 8,70 %
- com primeiro grau completo: 17,4%
- com primeiro grau incompleto: 26,09%
- com segundo grau completo: 26,09%
- com segundo grau incompleto: 6,52%
- nível universitário: 15,2%

b) no Galleria, das 39 pessoas entrevistadas:

- sem escolaridade: 0
- com primeiro grau completo: 10,25%
- com primeiro grau incompleto: 0
- com segundo grau completo: 20,5%
- com segundo grau incompleto: 7,7%
- nível universitário: 61,55%

2- Quanto ao gênero, foram entrevistados no Mercadão 24 homens (52,17%) e 22 mulheres (47,83%); e no Galleria foram entrevistados 19 mulheres (48,71%) e 20 homens (51,29%).

3- Quanto às idades dos entrevistados podemos perceber que o maior índice de participação variou entre pessoas de 26 a 35 anos:

idade:	***18-25***	***26-35***	***36-45***	***46-55***	***56-...***
Mercadão:	17,41%	43,48%	23,9%	10,86%	4,35%
Galleria:	28,2%	48,72%	7,7%	15,38%	0

Ao fazer as entrevistas um dos objetivos era perceber quais são então as funções que competem ao professor e se haveria diferença de um ambiente para outro. Considerando que o grau de escolaridade é diferente entre os dois ambientes selecionados - no Mercadão 15,2% possuem grau universitário enquanto no Galleria o índice é de 61,55% - esperava-se que as diferenças fossem marcantes.

As categorias mais citadas foram as seguintes:

função		***Galleria***
Mercadão		
• gostar do que faz	10%	6,7%
• preocupar-se com o aluno	21,5%	15,5%
• vocação	5%	6,7%
• ensinar	26,1%	15,5%
• ensinar a estudar	8%	15%
• motivar	18,4%	0
• atualizar-se	15,5%	15%
• outras	12,5%	9%

Podemos perceber que no Galleria a maioria destaca como funçào do professor a motivação , enquanto no Mercadão destaca-se a função de ensinar.

Nota-se uma diferença marcante quanto ao discurso, no Shopping Galleria houve maior elaboração, com frases completas e rigor na oratória; no Mercadão é possível perceber frases sem sentido, com erros graves de concordância, dificultando até mesmo a transcrição das entrevistas gravadas.

VII- SER PROFESSOR?

Para falar da idéia de professor formulada pelos meus entrevistados começo com um exercício de memória.

Era uma idéia fixa. Queria ser professora de qualquer jeito. Quando criança, nas brincadeiras de escolinha, era sempre a professorinha: vestia uma sandália de saltos da mamãe, escrevia na lousa, dava muita lição, deixava de castigo, batia com a régua na mesa, sorria, às vezes era boazinha, às vezes gritava:

- Menina, fica quieta! Senão vai escrever duzentas vezes "devo me comportar nas aulas"!

As outras crianças não cansavam de pedir para pelo menos uma vez ser a professora, mas não havia jeito. Aos poucos a brincadeira foi ficando chata do ponto de vista dos "aluninhos", que acabaram se cansando das aulas, das brigas e já que nunca passariam à função de professor, inventaram outras brincadeiras.

Mesmo assim, ficava lá com a lousa, brincando sozinha mesmo. Agora brincava de escolinha enquanto fazia as lições de casa que a professora "de verdade" havia passado como tarefa.

Na escola ficava reparando nas professoras e fazia de tudo para imitá-las, se uma aparecia com os cabelos presos, no dia seguinte estava igualzinha. Era do tipo que levava flor para a professora, oferecia lanche, brigava para ser a primeira da fila só para segurar a mão dela. Estudava bastante pra tirar notas boas, para ser admirada pelas professoras. Sempre recebia elogios pelas boas notas e pelo comportamento em classe.

De início pode parecer que era uma garotinha egoísta, chata e como dizem, "puxa-saco"de professor. No entanto, prefiro pensar que estava atrás de um grande sonho, o de ser professora, uma tia querida que ficaria na lembrança de meus aluninhos.

Tive professoras muito especiais no primário, na 2ª série era a D. Sebastiana, uma senhora que falava baixinho e era um docinho; anos depois ela foi professora de meus irmãos e então eu aproveitava para visitar sua

sala de aula e ajudá-la no que fosse possível. Uma de minhas maiores alegrias foi fazer estágio em sua sala de aula quando fiz o curso de Magistério.

Na 3ª série foi a D. Irene, que era mais severa, mais enérgica, mesmo assim eu gostava muito dela. D. Irene acompanhava-nos até o portão da escola e fazia questão de conversar, ainda que ligeiramente, com os pais; sempre colava um bilhetinho nos cadernos fazendo elogios ou incentivando os alunos a melhorar o desempenho.

Já na 4ª série tive a certeza que queria mesmo era ser profesora; a D. Idione tinha aquela coisa de cuidar do aluno, entender o problema dele, porque o aluno não aprendia ou porque não conseguia prestar atenção nas aulas, fazia campanhas de arrecadação de alimentos e roupas para os alunos que precisavam. Além da solidariedade, D. Idione preocupava-se também com a saúde de seus alunos, com a cultura e o lazer.

Terminando o primário eu tinha comigo, ainda que de forma não sistematizada e embora eu não soubesse disso, que a função do professor era ser bonzinho, amável com pais e alunos e preocupar-se com o bem-estar sócio-cultural das crianças e suas famílias.

No ginásio era diferente, os professores faltavam muito, havia muita troca de professor durante o ano letivo e fui percebendo que os professores cumpriam o papel de ensinar e pronto! Continuei querendo ser professora, mas queria ser igual àquelas do primário, àquelas com jeitinho de mãe... Talvez, se hoje eu fosse um dos entrevistados de minha pesquisa responderia igual a um senhor do Mercadão, com 46 anos e que cursou até a 2ª série do 2º grau:

"(...) posso falar das professora que eu gostei mais?(...) tinha as do grupo primário. Boazinhas com jeitinho de mãe. Gostavam de ensinar. Nunca ficavam falando das reclamações que tinham. (...) Do ginásio já não lembro direito. (...) Não era que nem antes, quando a professora olhava pra gente e já sabia o que a gente tava passando (...) Já no ginásio não (...) Você tava ali pra aprender e pronto."(carpinteiro, 39 anos)

Não podia ser diferente e fui fazer Magistério; no princípio, quando me perguntavam porque queria ser professora minha resposta era sempre a mesma: minha idéia era de que, como eu gostava muito de crianças e desde

pequena tinha esse desejo, eu tinha vocação para tal função e muitas das garotas de minha turma também pensavam assim.

Dos entrevistados, somente 5,88% responderam que o professor deve ter vocação para exercer suas funções.

"O professor é como um padre, precisa ter vocação para sua função. Só consegue exercer essa profissão aquele que se dedica a ela profundamente (...)." (padre, 28 anos)

"O professor é alguém escolhido para aquilo. Tá ali pra ensinar e se não fizer isso bem feito vai prejudicar toda uma geração (...)." (dona de casa, 26 anos).

Essa visão da vocação do professor já era vislumbrada na Europa, no século XVI, quando foram abertas as escolas elementares para as camadas populares; nessa época a atividade docente era vista como vocação e sacerdócio, a Igreja exercia papel fundamental no controle sobre a educação.

As escolas funcionavam nas igrejas, catedrais e conventos e os professores eram membros do clero, atendendo a razões político-religiosas conservadoras e autoritárias da época.

Com a necessidade de serem abertas ainda mais escolas o clero sozinho já não conseguia atender a essas novas demandas. "Assim, colaboradores leigos foram convocados para execer a função docente. Estes deveriam fazer previamente uma profissão de fé e um juramento de fidelidade aos princípios da Igreja" (HYPOLITO, 1997: 19). Podemos perceber que a vocação era sinal de amor e dedicação à tarefa de ensinar, o que também nos mostra a seguinte entrevista:

"A professora precisa ter vocação, dedicação, gostar do que faz (...)" (arquivista, 28 anos)

Com a industrialização, no século passado, e as mudanças na organização do trabalho e na política, advindos do Iluminismo e do Liberalismo, ocorreram modificações que repercutiram sobre o modo de vida; o crescimento exarcebado da urbanização também contribuiu para mudanças na sociedade nessa época.

O pensamento liberal defendia que a educação fosse pública e laica para todos, e propunha uma formação docente calcada em parâmetros técnico-profissionais ao invés de baseada numa profissão de fé.

UNICAMP

Essas idéias não iam ao encontro com a concepção de docência da Igreja, que pregava sua ação educativa na escola vinculada à ação educativa da comunidade. "Daí o realce para as funções extra-escolares. Posto como o guardião da ordem estabelecida, competia-lhe assegurá-la não somente pelo ensino, mas especialmente pelo seu exemplo de vida e pela sua incansável atuação no campo religioso e social. Daí a concepção de magistério e suas extensões de serviço social como uma vocação, um sacerdócio, uma missão"(KREUTZ, 1986: 14).

O Novo Dicionário Aurélio refere-se ao termo vocação como o ato de ser chamado, predestinado, uma tendência, aptidão, talento para determinado fim. Segundo a maioria dos entrevistados as funções do professor não se limitam a simplesmente gostar do que faz, dedicar-se ou ser predestinado a cumprir seu chamado, sua vocação.

Num total geral, a maioria dos entrevistados, 21,18%, afirmou que a principal função do professor é ensinar e transmitir conhecimento (15,5% no Galleria e 26,1% no Mercadão), enquanto que para uma minoria de 5,88% acredita que para ser professor é preciso ter a vocação.

Antes de vir para o curso de Pedagogia trabalhei com crianças durante sete anos e minha visão era de que eu precisava cuidar delas, de que uma de minhas funções era exatamente me importar com os alunos, preocupando-me com sua realidade. A Faculdade de Educação contribuiu para que minha percepção acerca da função do professor fosse ampliada e essa pesquisa trouxe à tona várias imagens sobre o professor. No entanto, muitos entrevistados deixaram com suas respostas também a imagem que têm sobre a escola, a família, a sociedade etc, a partir de lembranças vindas de antigos professores.

Segundo Luckesi (1991) na relação educativa - que se dá por um processo de interação entre educador, educando e meio - professor e aluno possuem papéis específicos, o professor deve criar as condições para o processamento da atividade educativa e o aluno deve buscar as condições para o seu desenvolvimento. Professor e aluno são sujeitos que se constroem dentro de um processo de relações sociais.

"O professor tem que saber o que acontece na vida dos alunos para poder ensinar direito. Não adianta querer ensinar uma criança que tá doente, o professor precisa prestar atenção pra ver o que tá acontecendo e aí ele vai poder ensinar direito" (mestre de obra, 31 anos).

Muitos entrevistados mostraram preocupação com o fato de que o professor geralmente não conhece a realidade do aluno, fazendo cobranças que nada tem a ver com as suas condições, desrespeitando assim o aluno como ser social.

"A professora tem que ser democrática, saber entender os problemas dos alunos, saber conversar, entender a realidade em que eles estão inseridos, a linguagem que usam, enfim, suas condições sócio-econômicas, sua cultura, sua família. O professor precisa ser uma espécie de equilibrista e ensinar de acordo com as necessidades da classe, sem esquecer as matérias obrigatórias, mas poupar os alunos de coisas que não lhe são vivenciadas"(desenhista, 29 anos).

Ao mostrar preocupação com a realidade do aluno, mostra-se que é ele um ser completo e não parcial, na escola ele não é somente um aluno, ele continua sendo filho, vizinho, é preciso saber se está bem ou mal alimentado, se tem ou não saúde, se sua família é estruturada, com quantas pessoas dorme, se tem bicicleta ou não, enfim, como vive fora da escola e sob quais condições vem à escola.

Paulo Freire (1993) afirma que sem amor, não somente ao trabalho, mas também aos alunos, o trabalho docente perde seu significado. O mundo afetivo dos alunos na sociedade atual é muito carente. Vivemos num contexto de desajuste familiar, de violência e de desrespeito, no qual os alunos precisam de professores profissionalmente competentes e amorosos. É necessário ressaltar que ser amoroso não significa aceitar erros, desrespeito, ausências, lições erradas, passar o aluno para a série seguinte quando não tem condições para isso. Ser amoroso nesse caso é saber aceitar o diferente e trabalhar com o diferente, inserindo-o à classe.

Esse cuidado com o aluno foi lembrado nas entrevistas. O preocupar-se com o aluno foi questionado por 18,82% dos entrevistados.

"(...) Posso falar das professoras do meu filho. Teve uma que até foi lá em casa na festinha de aniversário. As outras nunca mostrava interesse nas coisas lá de casa, tipo assim: meu filho às vezes contava que falava o que acontecia lá em casa e a professora nem ligava. Sabe, eu acho que as professoras devia prestar atenção na vida pessoal dos alunos, às vezes tá com problema lá na casa e vai mal na escola e às vezes os pais nem fica sabendo pra poder ajudar. Aí chega o filho não passa de ano e a gente nem sabe porque" (carpinteiro, 39 anos).

A preocupação com a realidade do aluno difere na expressão dos entrevistados dos dois espaços sociais: Shopping Galleria e Mercado Municipal; no primeiro essa preocupação está voltada para o fato de que o desenvolvimento do aluno é fator importante para o professor pensar a

educação, o cuidado refere-se a transmitir conhecimentos com qualidade sem que a quantidade seja a coisa mais importante na sala de aula. Os conteúdos a serem transmitidos devem ser ensinados com responsabilidade; o professor deve preocupar-se com o aluno em relação ao curso no qual está inserido.

"Professor é uma profissão rara. Rara porque muitos que estão aí tomando esse nome, na verdade não são professores. Não estão nem aí com nada. Professor é aquele que tá preocupado com a educação e não com a quantidade de conhecimento que vai passar para o aluno." (estudante de Medicina, 27 anos)

Já no Mercadão a preocupação gira em torno de cuidados relacionados às áreas afetivas, emocionais e mesmo físicas dos alunos; para os entrevistados, o professor precisa passar confiança aos alunos, ficando amigo, mostrando bondade, sendo cortez. Embora existam diferenças quanto ao tipo de preocupação, essas duas análises são importantes e estão explicitadas nos depoimentos (em anexo).

"A função dos professores é fazer os alunos aprenderem para passar para a próxima série. E eu acho que para conseguir isso eles tem que ficar amigos das crianças e conhecer elas para saber do que estão precisando. Eu tive muitas professoras bravas e não conseguia aprender direito porque tinha medo delas." (torneiro mecânico, 30 anos).

Assim, cabe ao professor tornar a escola um lugar agradável ao aluno, atendendo às suas necessidades e oferecendo situações de aprendizagem que o motivem a estudar. "É preciso não esquecer que há um movimento dinâmico entre pensamento, linguagem e realidade do qual, se bem assumido, resulta uma crescente capacidade criadora de tal modo que, quanto mais vivemos integralmente esse movimento tanto mais nos tornamos sujeitos críticos do processo de conhecer, de ensinar, de apreender, de ler, de escrever, de estudar" (FREIRE, 1993: 8). Se isso for bem vivido na escola, talvez o processo de construção da cidadania seja efetivado,

"Não se pode negar a precariedade do sistema escolar público no país. O que se pode elogiar é a garra dos nossos professores que com baixos salários e sem reconhecimento da importância de seu papel perante o governo e também sociedade, ainda assim lutam por uma educação digna e justa para esse povo injustiçado. Para mim o papel principal do professor é criar condições para que seus alunos prossigam os estudos buscando ser conscientes cidadãos. (...)" (advogado, 47 anos).

Segundo Oliveira (apud Passos, 1990) é comum ouvir-se dizer que o professor ensina como ele foi ensinado e não como foi ensinado a ensinar.

Na relação professor-aluno verifica-se algo semelhante: o aluno, através do fazer do professor, acaba apreendendo muito mais atitudes e outras maneiras de ser do que "o que" o professor ensina. O modo como o professor desenvolve o seu dia a dia em sala de aula (independente do discurso que proclama) contribuem em muito para a formação da postura do aluno (tanto no que diz respeito ao seu pensamento como à sua ação), dentro e fora da escola, em relação a si mesmo, aos demais membros de grupos dos quais faz parte, enfim, em relação à pratica social à qual se insere.

"O professor não pode ser uma pessoa limitada (...) Precisa dar o exemplo (...)" (analista de suporte técnico, 30 anos)

Sendo o homem ao mesmo tempo um ser particular e um ser genérico participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade e é na vida cotidiana que aprende a viver com os diferentes grupos e subgrupos.

Nessas ações coletivas o trabalho docente pode ser visto como uma ação profissional com o objetivo de introduzir as novas gerações ao conhecimento, aos saberes, à cultura. E ainda, segundo Weber, "(...) o docente na sua atividade de ensino reforça, conscientemente ou inconscientemente, concepções, significados, valores, mas também pode favorecer a organização do pensamento mediante o retraçar do conhecimento hoje disponível, contribuindo para o avanço da compreensão da relação entre conhecimento e sociedade"(1996: 43).

O docente então, deve compreender a importância coletiva de seu trabalho, que sua tarefa educativa não se encerra na prática da sala de aula, mas que tem uma dimensão transformadora, uma importância social e cultural coletiva e que na realidade, o ato educativo exige uma renovação diária de compromisso com a competência.

"A professora que gosta do que faz, se dedica e se aperfeiçoa constantemente é a melhor. (...)." (coodenador de marketing, 38 anos).

"Há de se lembrar que a preparação técnica, a ampliação do conhecimento e a atualização exigem um exercício frequente e diário por parte do educador e do sistema no qual ele está inserido. Mas, necessariamente, exigem vontade, desejo, carência do profissional professor"(RODRIGUES, 1992: 66).

A tarefa do professor em sala de aula, além de prazerosa deve ser exigente. Exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico,

emocional, afetivo. "É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros mas ao próprio processo que ela implica"(FREIRE, 1993: 9-10).

Muitas vezes é na organização do trabalho em sala de aula que está a maior agência de formação de hábitos e comportamentos. O professor é responsável por construir um espaço onde se possa viver a expressão, a criação, a experiência de ver outras formas de pensamento. Mostrar que há outros movimentos do pensar que podem ser explorados.

Respeitando as subculturas a atividade docente pode levar em conta a subjetividade, e assim o espaço da sala de aula poderia ser "(...) um lugar onde todos tenham canais para dizer a sua palavra, um lugar aberto, onde há espaço de conflito, de desorganização e reorganização, onde se constrói permanentemente um grupo, onde todos têm lugar - não rígido para existir" (BARBOSA, 1994: 17).

Nesse espaço pode estar presente o permanente confronto de culturas, demonstrando, assim, a relatividade da verdade, da moralidade, do certo, é preciso que o professor mostre que ele não é o dono da verdade, que o conhecimento deve ser expansivo e não limitado e que todo grupo humano cria naturalmente seu próprio conjunto de regras e normas, um patrimônio de experiências comuns, de ações e respostas aos acontecimentos que lhe fornecem uma abordagem relativamente unificada da sua realidade.

"O professor tem que ser consciente, organizado e muito crítico. Sem isso seu trabalho fica estagnado. A sua função não é somente ensinar o que está escrito nos livros, mas fazer um registro da história, da verdade, e para isso é preciso haver crítica sobre a realidade. Eu sempre fui muito estudiosa e por isso mesmo gostava da escola. Hoje, com a cabeça que tenho, não sei se seria assim."(dentista, 32 anos)

As representações também permitem que possamos ver a escola inserida numa determinada realidade da qual sofre e exerce influência. "Ela [a escola] não é apenas o local onde se reproduzem os interesses, os valores, a cultura, a ideologia. Também pode influenciar a ideologia, os valores, a ciência, a política e a cultura na sociedade em que está inserida" (RODRIGUES, 1992: 57). A escola é uma instituição social e, como tal, está inserida na história. É uma instituição que sofre influências e que influencia o que acontece ao seu redor- A realidade da escola é resultante da totalidade de atos, ações, valores e princípios nos quais está inserida e que interferem na realidade educacional.

Nos depoimentos seguintes percebemos que a escola influencia no comportamento do aluno, o medo da escola ou a falta de interesse nela geram problemas que cabem ao professor procurar a melhor forma de resolvê-los. Trazer assuntos atuais, temas abrangentes e cotidianos influencia a realidade escolar e é isso que grande parcela dos entrevistados reivindica em suas falas:

"Ah, filha! É muito importante. Eu não tenho estudo sabe? Mas meus filho tudo eu pus na escola. Precisa, né? E antes a gente tinha medo da escola. As professora era brava. Punha de castigo, batia com régua. Meus irmão tudo apanhava. Mas filha mulher do meu pai não estudava não." (do lar, 61 anos)

"A função do professor é ensinar e ficar atualizado, porque hoje o mundo anda muito rápido. Se não for assim os alunos perdem o interesse. Esse negócio de estudar vida de Faraó é coisa do passado; hoje é preciso estudar a globalização, as crises atuais, senão a escola fica ultrapassada,e é por isso que muitos alunos não gostam dela. O professor precisa fazer alguma coisa atual para chamar a atenção dos alunos. Eu não tenho boas recordações da escola." (químico industrial, 26 anos)

"O professor precisa ensinar os alunos a pensar, a criticar, a perceber as diferenças. Com a globalização a escola precisa ficar mais dinâmica. Acho que os professores tem um pouco de medo de enfrentar a realidade, de que o mundo está mudando rápido demais e suas teorias estão ficando para trás. Tive professores bons e ruins. Isso existe em todas as profissões." (técnico da segurança do trabalho, 35 anos).

"O professor precisa estar bem informado, ser uma pessoa culta, e deve transmitir isso aos alunos e não esquecer da cultura, fazendo assim, ao mesmo tempo em que divulga seu produto, que é a educação, ensina os alunos a tomarem consciência de quem são." (representante comercial, 38 anos)

Sendo a escola esta estrutura complexa é possível nela identificar uma variedade de grupos que se entrecruzam frequentemente. Toda escola está inserida num ambiente de grande instabilidade política, social e econômica que altera constantemente seus valores, criando novas necessidades e tornando, muitas vezes, obsoletas antigas prioridades (CAPRA, 1982). Como as pessoas não acompanham essas mudanças no mesmo ritmo, originam-se os subgrupos, as subculturas. "Cada um deles desenvolve sua própria cultura que, embora integrante da cultura organizacional mais ampla, apresenta suas especificidades, em razão mesma da tarefa desenvolvida" (ROMEU, 1987: 19).

O reconhecimento da existência dessas diferenças e peculiaridades que caracterizam cada grupo de profissionais e alunos permite à escola conviver com culturas e subculturas reconhecendo que cada uma delas vai

exigir uma forma específica de existência, orientação, coordenação e direção. A escola é um tecido de subgrupos que possui cada um deles sua própria forma de representação, mantendo uma relação peculiar para com ela e o trabalho que nela realizam, assim como encaram de maneira particular sua vida na escola. Cada um desses subgrupos resulta de situações que permitem agrupar os atores segundo modos de representação comuns.

O aluno vive na aula um grande número de acontecimentos que o tocam com maior ou menor profundidade: ora aceita sem problemas uma repreensão do professor, ora sente-se atingido e magoado por uma observação feita pelo professor. Para Postic (1993), uma demonstração de interesse que o professor dirija ao aluno ou uma forma imperceptível de rejeição podem ter no aluno profundas repercussões que o levam a se aproximar ou a se afastar do professor no plano do imaginário. Há uma conexão entre as estruturas vividas nos planos real e interior, em referência às quais os acontecimentos vividos tomam significado.

Os professores são representações simbólicas que, no imaginário do aluno, personificam forças maléficas ou benéficas, lembranças vindas das primeiras relações intersubjetivas, reais ou imaginárias, com os que o cercam. "Os modelos arcaicos de hostilidade, de agressividade ou de adesão, de submissão, são personificados por professores. Seus comportamentos de dominação, suas condutas ameaçadoras ou, ao contrário, suas atitudes protetoras despertam no aluno as angústias, frustrações ou necessidades de fusão. Uma atividade de deslocamento do real para o imaginário, e do imaginário para o real se instaura" (POSTIC, 1993: 25).

Assim, há anos atrás eu imaginava que tinha vocação para ser professora, para ser a professorinha querida dos meus aluninhos; hnje o que cerca meus pensamentos e reflexões é o fato de que a educação anda parcelada. Alguns vêem nela a solução, outros nela não acreditam, outros ainda somente criticam ao invés de avaliá-la e transformá-la. Agora eu não mais chamaria meus alunos de aluninhos, como se isso amenizasse os problemas e conflitos que existem em qualquer relação educativa. Talvez pensaria neles como agentes de transformação social... Gostaria de ser lembrada não mais como aquela professorinha boazinha, mas como alguém consciente e crítica, capaz de reconhecer outras verdades, não somente a minha, e aberta a mudanças e reconstrução da prática educativa.

VIII- CONJECTURAS ACERCA DAS ENTREVISTAS

Muitos entrevistados têm a compreensão de que o professor não tem tempo de se preocupar com o aluno fora do contexto escolar por exercer uma profissão que exige muito trabalho, inclusive fora da escola (levando tarefas para executar em casa) e que a preocupação com as matérias e conteúdos ensinados toma muito tempo do professor.

"Hoje professor é tudo: ensina, aguenta problema de aluno, diretor chato, pai na porta da escola reclamando e ainda tem que chegar em casa e preparar aula, se atualizar (...)" (G)[2:3]

Por outro lado acham importante que o professor saiba o que se passa com o aluno:

"O professor precisa ensinar, mas também se importar com o aluno (...)." (G)

O universo familiar apareceu nas entrevistas mostrando a relevância do professor em conhecer a realidade do aluno. Um exemplo é o caso do pai que afirmou ser o professor o responsável por seu filho conseguir vaga em um curso; esse pai não sente-se capaz de tomar resoluções sobre a vida escolar de seu filho e o professor então "toma o lugar" do pai e "consegue a vaga". Para esse pai essa atitude é positiva. Outro caso é o da avó que apesar de achar importante as netas gostarem da escola e as professoras se preocuparem inclusive com as ausências, afirma que quem manda nas crianças é a família. Essa avó, frisando a importância da preocupação do professor em relação ao aluno, percebe que apesar disso, se o aluno não tem um bom rendimento, a culpa pode ser do próprio aluno, o professor não tem tempo para verificar o porquê disso acontecer.

"(...) [sobre o filho] o da 8ª série gosta, agora ele vai fazer um curso na contabilidade e foi um professor dele que conseguiu a vaga. Acho legal isso. Porque você vê, eu não ia conseguir isso pra ele, eu não tenho condição pra chegar lá e falar lá na escola. Mas o professor dele que é estudado e sabe das coisas se preocupou, né?" (M)

---

[2] no capítulo anterior o referencial das entrevistas era idade/profissão, aqui julguei ser de maior importância caracterizar o local, pela própria análise feita

[3] as letras referem-se ao lugar aonde foi desenvolvida a entrevista: G-Galleria e M-Mercadão

"Eu era da roça, sabe? E lá não dava pra estudar direito. Na época de fazer colheita a gente faltava muito. Eu repeti a 2ª série três vezes. Não é porque eu não queria. É que não dava pra estudar direito. As professora, coitada, tinham tanta coisa pra fazer que não podiam ficar se preocupando se a gente ia ou não na escola e porque faltava tanto. Hoje eu acho que os professor se preocupa mais. Minhas netas não faltam não, e quando tem que faltar, no outro dia já vem bilhete da escola pra gente preencher. É bom isso. Mostra que elas sabem que elas faltaram. A gente só não pode deixar as professora mandar nos nossos filhos, porque isso quem tem que fazer é a gente." (M)

Outro depoimento faz-nos pensar nas relações pais/filhos, os primeiros obrigam os segundos a frequentarem a escola; dessa forma, muitos alunos não sentem prazer ao ir à escola, passam a vida escolar pensando em quando poderão sair... E aí não é culpa do professor...

"(...) Eu estudei até o colegial obrigada. Meu pai não ia deixar eu casar se não tivesse terminado. Terminei por isso (...)." (M)

Mas o não gostar da escola faz também uma mãe não atribuir importância à escola e deixar que seus filhos decidam sozinhos até quando querem estudar.

"(...) Eu não gostava muito da escola não. (...) Eu só me lembro das professora brava (...) Meus dois filhos já pararam de estudar, um fez até a 5ª série, o outro fez até a 8ª. Eu não vou obrigar não." (M)

Outros tem ainda a consciência de que a vida familiar do filho interfere no desempenho escolar e o professor deve estar atento ao que se passa com o aluno para poder ajudá-lo.

"(...) Já no ginásio não, professor não queria saber se na sua casa tinha acontecido alguma coisa, se sua avó tinha morrido. Não tinha ligação nenhuma. Você tava ali pra aprender e pronto." (M)

"(...) Sabe, eu acho que as professoras devia prestar atenção na vida pessoal dos alunos, às vezes tá com problema lá na casa e vai mal na escola e às vezes os pais nem fica sabendo pra poder ajudar. Aí chega o filho nào passa de ano e a gente nem sabe porque." (M)

"(...) Teve uma professora que eu gostava, era a D.Branca, parecia uma santa. Não me lembro a série que eu tava (...) Sempre queria saber se a gente tava precisando de ajuda. E ela ia e ajudava mesmo. (...)" (M)

Talvez esse cuidado exigido pela família se deva à própria carência sócio-afetiva pela qual passam muitos alunos. Atualmente muitas mães trabalham fora e não tem tempo para acompanhar o desenvolvimento escolar de seus filhos, então isso torna-se uma exigênciaem relação aos professores. Das 41 mulheres entrevistadas, somente 7 não exercem profissão fora do lar.

No Mercadão os pais demonstram querer que os professores *conheçam* os problemas familiares dos alunos, já no Galleria, os pais querem que os professores *entendam* a realidade do aluno, o que ultrapassa o entender.

"(...) Hoje em dia é muito técnico, muito rápido [pausa] perdeu aquela coisa, sabe, de [pausa] o professor não se preocupa mais com o aluno como indivíduo, e isso a meu ver é fundamental." (G)

"A professora tem que ser democrática, saber entender os problemas dos alunos, saber conversar, entender a realidade em que eles estão inseridos, a linguagem que usam, enfim, suas condições sócio-econômicas, sua cultura, sua família (...)" (G)

"O professor tem que atender às necessidades dos alunos e oferecer situações para que eles aprendam com vontade (...)" (G)

Nos entrevistados do Mercadão percebe-se que o professor que conhece os alunos é o que ensina direito e também o que ensina de acordo com as necessidades dos alunos (e para saber o que os alunos estão precisando precisa conhecê-los e assim por diante).

"O professor tem que saber o que acontece na vida dos alunos para poder ensinar direito (...)" (M)

"Seria legal se a escola ensinasse o que a gente precisa aprender, mas não, o professor só quer ensinar o que tá no livro e isso nem sempre é interessante (...)" (M)

Podemos então notar que conhecer o aluno, entender sua realidade e perceber as suas necessidades devem fazer parte do cotidiano do professor.

Além da realidade dos alunos, as aulas precisam estar inseridas num contexto de atualidade,

"A função do professor é ensinar e ficar atualizado, porque hoje o mundo anda muito rápido. Se não for assim os alunos perdem o interesse. Esse negócio de estudar vida de Faraó é coisa do passado; hoje é preciso estudar a globalização, as crises atuais, senão a escola fica ultrapassada, e é por isso que muitos alunos não gostam dela (...)" (M)

Para isso os entrevistados afirmam que o professor precisa estar sempre informado, estudar constantemente.

"(...) É preciso que ela [a professora] tenha preocupaçào com as informações que está passando, estudando e analisando. A professora precisa ser uma constante pesquisadora, pois seu trabalho compromete muitas pessoas (...)" (M)

"O professor precisa ensinar os alunos a pensar, a criticar, a perceber as diferenças. Com a globalização a escola precisa ficar mais dinâmica. Acho que os professores tem um pouco de medo de enfrentar a realidade, de que o mundo está mudando rápido demais e suas teorias estào ficando para trás.(...)" (G)

"O professor precisa estar bem informado, ser uma pessoa culta, e deve transmitir isso aos alunos e não esquecer da cultura, fazendo assim, ao mesmo tempo em que divulga seu produto, que é a educação, ensina os alunos a tomarem consciência de quem são." (G)

"O professor não pode ser uma pessoa limitada, deve saber mais do que aquilo que ensina. Se for assim, os alunos vão perceber e quem sabe até imitá-los. Precisa dar o exemplo, precisa estudar também.(...)" (G)

"A função dela [a professora] é ensinar e manter o aluno informado (...)" (G)

O professor não pode "não saber", tem o dever de ensinar, informar, transmitir conhecimento e para isso deve estudar muito.

"O professor tem o dever de estudar muito porque quanto mais ele estudar mais vai saber ensinar (...)" (M)

O professor sempre sabe mais que o aluno:

"A professora tem que impor autoridade, mostrar que é ela que sabe e os alunos precisam aprender (...)" (G)

"Bom, acho que no geral a professora tem a função de ensinar, transmitir aquilo que ela sabe para os alunos que ainda não sabem (...)" (G)

"(...) Ela [a professora] é a que sabe e vai transmitir isso para o aluno. Não acho que a professora seja a dona do conhecimento, mas que sabe muito, isso ela sabe." (G)

Outra diferença entre o Galleria e o Mercadão está na característica do professor em ser o responsável pela transmissão de conhecimento ao aluno. No Galleria a questão da qualidade é ressaltada mais que a da quantidade.

"Professor é uma profissão rara. Rara porque muitos que estão aí tomando esse nome, na verdade não são professores. Não estão nem aí com nada. Professor é aquele que tá preocupado com a educação e não com a quantidade de conhecimento que vai passar para o aluno (...)" (G)

"(...) Se souber muito mas não conseguir transmitir o que sabe, de nada vai adiantar (...)" (G)

Ainda quanto a estudar cabe ao professor a responsabilidade que tem sobre o poder de decisão das pessoas, independentemente de estar certo ou errado ele será responsável pelas gerações que com ele aprenderem. O exemplo que dá e é seguido por seus alunos também é de sua responsabilidade.

"O professor é um trabalhador que precisa estudar e se atualizar senão não consegue trabalhar na escola. É uma pessoa muito importante pra nossa sociedade porque é ele que vai colocar na cabeça das pessoas como é que elas podem mudar a situação (...)" (M)

No Galleria a motivação aparece como forma de prender a atenção do aluno na escola.

"O professor tem que vender seu produto, que é a educação, e isso ele vai fazer bem quando usar todos os meios disponíveis a seu favor; o professor precisa moticar seus alunos." (G)

"O professor tem que estar interessado no que faz e por isso fazer os alunos se interessarem também pelo estudo (...)" (G)

"(...) Quanto à função do professor, na minha opinião, deveria ser (...) grudar o aluno na matéria, porque aí ele aprende." (G)

Através da motivação do professor o aluno passa a querer bem não só a ele e à escola como também ao ato de estudar.

"A professora precisa dar o exemplo, se ela estuda, se informa e mostra que é bom o que faz, o aluno naturalmente vai atrás (...)" (G)

Para entrevistados do Mercadão os alunos tendem a seguir o exemplo do professor.

"Eu acho que o aluno aprende muito mais quando a professora dá o exemplo na vida. Quando o professor é bagunçado, não tem as coisas em ordem, é despreparado para dar a aula como é que ele pode querer organização por parte dos alunos? (...)" (M)

Ainda no Mercadão uma entrevistada refere-se a esse exemplo e diz que o professor deve cativar o aluno. Segundo o Dicionário Aurélio a definição de cativar é "tornar cativo; capturar; ganhar a simpatia, a estima de; despertar o interesse, a curiosidade por; incitar"; assim o que essa mulher reivindica ao professor é que se estabeleçam laços enquanto que outra entrevistada julga ser mais importante a motivação.

"O professor tem que cativar o aluno, porque só assim faz o aluno prestar atenção na aula e aprender (...)" (M)

"Uma das funções do professor é ser dinâmico, criativo, pra chamar a atenção dos alunos e fazê-los aprender a estudar (...)" (M)

De certa forma criar laços, cativar, motivar retornam em responsabilidade para o professor; já dizia Saint-Exupery "(...) tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas".[4]

A motivação para um professor da Faculdade Paulista de Medicina difere do relato do Mercadão quanto à questão de despertar o interesse nas aulas, para ele a motivação deve agir para além da escola:

"(...) Eu tive boas relações com meus ex-professores (...)" (G)

Além de cativar, outra relação dos professores com os alunos deve ser a de amizade; o professor deve dar atenção aos alunos.

"(...) Eu gosto mais de professor que é amigo do aluno, entende? (...)" (M)

"A função dos professores é fazer os alunos aprenderem para passar para a próxima série. E eu acho que para conseguir isso eles tem que ficar amigos das crianças e conhecer elas para saber do que estão precisando (...)" (M)

"Professor tem que estudar muito, ensinar direito e ser amigo dos alunos (...)" (M)

"No mundo de hoje acho que as relações entre professor e aluno são mais importantes do que ficar enchendo o quadro de um monte de coisas que não vão servir para muita coisa (...)" (M)

---

[4] Saint-Exupery, Antoine. ***O pequeno príncipe.*** São Paulo: Agir, 1982.

Mais uma característica requerida do professor foi a dedicação:

"(...) Quando a professora não é dedicada não pode exigir que os alunos gostem de aprender." (M)

"A professora que gosta do que faz, se dedica e se aperfeiçoa constantemente é a melhor (...)" (M)

"A professora precisa ter vocação, dedicação, gostar do que faz (...)" (G)

"(...) Ensinar não é fácil e exige competência e dedicação (...)" (G)

Essa dedicação refere-se ao fato de o professor entregar-se e consagrar-se com afeição à sua profissão; embora as atribuições do professor sejam diversas no Mercadão houve entrevista que situou o professor como um simples trabalhador:

"Ser professor é uma profissão igual às outras (...)" (M)

Para alguns a função do professor é somente ensinar e uma entrevistada do Mercadão e outro do Galleria até justificaram essa limitação:

"Eu acho que o professor tem muitas funções, mas levando em conta o salário que ele ganha acho que ensinar na sala de aula já está bom. Eu não faria mais que isso se estivesse no lugar deles (...)" (M)

"Não querendo te desanimar, mas ainda bem que não preciso dar aula. Trabalhar muito e ganhar pouco não faz meu estilo (...)" (G)

O salário também foi questionado por um advogado do Galleria, acrescentando que mesmo diante de salários baixos o professor faz muito pela educação no Brasil.

"Não se pode negar a precariedade do sistema escolar público no país. O que se pode elogiar é a garra dos nossos professores que com baixos salários e sem reconhecimento da importância de seu papel perante o governo e também sociedade, ainda assim lutam por uma educação digna e justa para esse povo injustiçado (...)" (G)

O espaço de trabalho do professor, segundo grande parcela da população entrevistada, é a sala de aula, onde o professor vai ensinar e transmitir conhecimento aos alunos. Uma pequena parcela, porém, vê o trabalho do professor além desses limites,

"A função é ensinar, mas acho que as professoras precisavam também trabalhar pela profissão, reivindicando de forma séria, salários mais justos e melhores condições de trabalho, escolas equipadas, funcionários em número adequado e tudo o que falta para lhe assegurar uma relação harmônica na escola." (G)

"A professora tem que se dedicar na escola, não adianta querer ser boa só dentro da sala de aula. O trabalho é um só e precisa ter mais união com os outros professores (...)" (M)

Informar o caminho que o levou a este e àquele conhecimento e sua importância para a vida prática do aluno também foram questões relevantes nas respostas.

"Eu penso que a função é transmitir aquilo que ele estudou, preocupando-se em informar o aluno como chegou a este conhecimento (...)" (M)

"Algumas professoras se destacaram para mim (...) mostravam o porquê das coisas e lutavam para mostrar a importância da escola (...)" (G)

Alguns entrevistados limitaram-se a falar sobre características que o professor deve ter sem entrar na questão da função sobre a qual foi feita a pergunta na entrevista. Para essas pessoas o professor deve ser inteligente, competente e bom profissional - uma vez que ele mesmo escolheu sua profissão então que a desempenhe da melhor maneira possível.

"A professora deve ser competente, ter talento para ensinar (...)" (G)

"(...) A professora tem que ser uma pessoa de caráter." (G)

"Tem que ser inteligente e gostar do que faz (...)" (G)

Duas entrevistadas chamam a atenção por caracterizarem seus próprios papéis, são depoimentos de uma professora e de uma pedagoga, ambas no Mercadão, e que no contexto geral das 85 entrevistas exercem sua profissão com carcterísticas contrárias àquelas descritas e desejadas pelos entrevistados:

"Eu acho que a nossa função é ensinar. Basicamente é isso. É claro que durante o ano letivo você acaba se envolvendo com a escola, com os alunos e até com alguns pais. Mas exerço minha profissão assim: estou ali para ensinar e é isso que me proponho a fazer." (M)

"Hoje em dia é moda o professor ter que se preocupar com a realidade do aluno e esquece-se um pouco o lado curricular. É preciso voltar a trabalhar o programa e conteúdo, o lado emocional deve ser trabalhado pela família, pela

sociedade. A escola deve servir de suporte sim, mas o essencial é o professor valorizar a informação, o estudo." (M)

O tempo de realização da pesquisa não possibilitou cruzamentos do tipo idade/escolaridade; escolaridade/local de entrevistas; sexo/escolaridade; etc; bem como inferências sobre a idéia de escola e o que a escola representa para os grupos entrevistados. Como essas análises pertinentes não puderam ser realizadas, esse estudo poderá ser retomado por outros pesquisadores.

IX- PARA TERMINAR

A idéia de vocação para a profissão analisada é somente uma das muitas faces de todo o contexto revelado pelas entrevistas. A sociedade hoje requer do professor muito mais que dedicação e amorosidade.

A interação entre professor, alunos e comunidade é resultado do envolvimento entre as partes e acontece quando é desejo de todos, mas, pelos relatos podemos perceber que é uma atitude que deve partir do professor. É ele quem deve descobrir a realidade do aluno e usá-la em sala de aula, inserindo-a na atualidade. Dessa forma cabe ao professor entender/compreender o aluno, estudar/informar-se constantemente e agrupar essas situações de forma a tornar a aula algo que seja muito mais que algumas horas dentro de uma sala.

A relação professor aluno deve ultrapassar a idéia de uma relação autoritária e distante; o aluno não deve ser considerado como mais um integrante do grupo/turma, mas um indivíduo com características sócio-culturais e afetivo-emocionais próprias, as quais devem ser exteriorizadas com incentivo do professor.

Fazendo assim o professor atribui sentido às relações sociais e ao contexto no qual se encontra; elabora sua percepção da realidade na vida cotidiana; realiza sua experiência objetiva em função da percepção de si (enquanto identidade individual e social, pertencente a categorias sociais, grupos e classes) e da do aluno; concebe uma visão de mundo numa rede de representações a partir de uma rede de significações que convergem à realidade sócio-cultural e histórica de todos os envolvidos no processo educativo, criando novos contextos e produzindo novas transformações.

Sendo o professor figura de referência para os alunos, apreender as imagens destes permite-nos conhecer características e atitudes referentes ao primeiro que são capazes de revelar vínculos, distanciamento, medo, alegria, raiva e até mesmo amor pelo processo educacional.

O aluno é um ser social e aspectos importantes de sua sociedade, de seu comportamento, de seus valores e ideologias foram captados através de

suas representações, possibilitando uma análise sobre que tipo de características deve ter o professor.

Ele deve ensinar, mas deve apreender e compreender a forma de viver do aluno para então torná-lo sujeito ativo do próprio conhecimento. Conviver e aprender com o diferente, respeitá-lo e através dele transformar as formas de relacionamento que hoje existem no universo escolar é uma forma de participar dos problemas ligados à educação.

A prática educativa participa da formação do indivíduo e por isso mesmo não pode ocorrer sem a participação ativa dele no processo. Ensinar e aprender deve ser um movimento dinâmico que resulte em processos críticos com sujeitos ativos, críticos e envolvidos integralmente uns com os outros.

Assim, a escola deve proporcionar espaço para a solidariedade (no sentido de vínculo recíproco) entre os indivíduos envolvidos no sistema escolar. Sendo a realidade de cada escola composta de pessoas diferentes com suas próprias características, a interação entre professor-aluno-comunidade escolar é que vai proporcionar a interação necessária para a aprendizagem ocorrer sem impedimentos no que se refere a problemas de relacionamento com a própria escola.

Embora o homem nasça inserido na sua própria vida cotidiana, é na vida cotidiana, através de outros grupos sociais, que aprende a vivê-la.

Estudar as representações sociais possibilitou ganhar uma maior compreensão de quem são os professores desejados pela parcela da população entrevistada.

X-ANEXOS
(as entrevistas)

"Qual a função do professor? Qual a imagem marcante que você tem do professor?"

ANEXO I

Mercadão 19/11/96

- Mercadão: 19/11/96

sexo: masculino
idade: 28 anos
profissão: bancário
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau, cursando 1° ano faculdade

"Que pergunta engraçada. Mas acho que o fundamental é o professor ser um bom profissional. Saber separar seus problemas, seu cotidiano e não descontar nos alunos o fato dele ganhar mal, de ter um diretor que pega no pé dele. Se ele é professor é porque escolheu isso. Então que desempenhe bem seu papel, que é o de ensinar aquilo que sabe, afinal ele estudou pra isso. As professoras que eu me lembro são as do primário. Geralmente eram as mais boazinhas. Depois chega no ginásio e acaba aquela coisa de você ser amigo do professor, de conversar no portão com ele. Mas, se ensinar direito não precisa agradar."

- Mercadão: 19/11/96

sexo: masculino
idade: 39 anos
profissão: pedreiro
escola pública: até 4ª série do 1° grau

"O professor é aquele que tem obrigação de fazer a gente aprender, ele estudou pra isso, não foi? Eu lembro que a gente tinha, tinha que aprender. Senão... senão levava bolacha. Na escola e em casa."

UNICAMP ... IFCA

• Mercadão: 19/11/96
sexo: feminino
idade: 42 anos
profissão: do lar
escola pública: 1° grau

"O professor tem que ensinar, e tem que querer ensinar, senão não consegue. Não me lembro de meus professores. Não gostava da escola."

• Mercadão: 19/11/96
sexo: feminino
idade: 38 anos
profissão: professora de primeiro grau
escola pública: até 8ª série do 1° grau
escola particular: 2° grau, Magistério

"Eu acho que a nossa função é ensinar. Basicamente é isso. É claro que durante o ano letivo você acaba se envolvendo com a escola, com os alunos e até com alguns pais. Mas exerço a minha profissão assim: estou ali para ensinar e é isso que me proponho a fazer."

• Mercadão: 19/11/96
sexo: feminino
idade: 32 anos
profissão: pedagoga
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau, faculdade

"Hoje em dia é moda o professor ter que se preocupar com a realidade do aluno e esquece-se um pouco o lado curricular. É preciso voltar a trabalhar o programa e conteúdo, o lado emocional deve ser trabalhado pela família, pela sociedade. A escola deve servir de suporte sim, mas o essencial é o professor valorizar a informação, o estudo."

• Mercadão: 19/11/96
sexo: feminino
idade: 61 anos
profissão: do lar
não estudou
** ofereceu-se para ser entrevistada

"Ah, filha! É muito importante. Eu não tenho estudo sabe? Mas meus filho tudo eu pus na escola. Precisa, né? E antes a gente tinha medo da escola. As professora era brava. Punha de castigo, batia com régua. Meus irmão tudo apanhava. Mas filha mulher do meu pai não estudava não. Hoje meus netinho vão na escoal e tudo eles gosta das professoras. Hoje só tem professora boazinha. Que tem paciência e ajuda as criançada. Você tem cara de professora boazinha."

- Mercadão: 19/11/96

sexo: masculino
idade: 46 anos
profissão: açougueiro
escola pública: até 2ª série do 2° grau

"É meio complicado sua pergunta, né? Mas posso falar das professora que eu gostei mais? [pausa] Então, tinha as do grupo primário. Boazinhas, com jeitinho de mãe. Gostavam de ensinar. Nunca ficavam falando das reclamações que tinham. E olhe que desde aquela época já era difícil, ganhavam mal. Do ginásio já não lembro direito. Eu não conversava muito com eles. Não era que nem antes, quando aprofessora olhava pra gente e já sabia o que a gente tava pensando, e passando também. É, porque se a gente tava triste a danada já notava. Já no ginásio não, professor não queria saber se na sua casa tinha acontecido alguma coisa, se sua avó tinha morrido. Não tinha ligação nenhuma. Você tava ali pra aprender e pronto."

- Mercadão: 19/11/96

sexo: masculino
idade: 39 anos
profissão: carpinteiro da prefeitura
escola pública: até 4ª série do 1° grau

"Eu não lembro mais das minhas professoras. Lembro que era gostoso ir na escola. Todo mundo ia. Posso falar das professoras do meu filho. Teve um aque até foi lá em casa na festinha de aniversário. As outras nunca mostrava interesse nas coisas lá de casa, tipo assim: meu filho às vezes contava que falava o que acontecia lá em casa e a professora nem ligava. Sabe, eu acho que as professoras devia prestar atenção na vida pessoal dos alunos, às vezes tá com problema lá na casa e vai mal na escola e às vezes os pais nem fica sabendo pra poder ajudar. Aí chega o filho não passa de ano e a gente nem sabe porque."

• Mercadão: 19/11/96
sexo: feminino
idade: 32 anos
profissão: enfermeira
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau em enfermagem

"Eu sempre gostei mais daqueles professores que sabe, se metiam na minha vida. Acho que é porque eu queria atenção. Eu gosto mais de professor que é amigo do aluno, entende? Se bem que tem muitos professores que são ótimos e não se misturam com ninguém. Vão lá, dão a ula e depois tchau, tchau. Mas eu acho isso, tem que ter uma relação."

• Mercadão: 19/11/96
sexo: feminino
idade: 48 anos
profissão: do lar
escola pública: até 4ª série do 1° grau

"Eu era da roça, sabe? E lá não dava pra estudar direito. Na época de fazer colheita a gente faltava muito. Eu repeti a 2° série três vezes. Não é porque eu não queria. É que não dava pra estudar direito. As professora, coitada, tinham tanta coisa pra fazer que não podiam ficar se preocupando se a gente ia ou não na escola e porque faltava tanto. Hoje eu acho que os professor se preocupa mais. Minhas netas não faltam não, e quando tem que faltar, no outro dia já vem bilhete da escoal pra gente preencher. É bom isso. Mostra que elas sabem que elas faltaram. A gente só não pode deixar as professora mandar nos nossos filhos, porque isso quem tem que fazer é a gente."

• Mercadão: 19/11/96
sexo: feminino
idade: 27 anos
profissão: manicure
escola pública: 1° grau

"Chegou na 8ª série eu disse que era o último ano que ficava na escola. Nunca gostei. Teve uma professora que eu gostava, era a D. Branca, parecia uma santa. Não me lembro a série que eu tava. Devia ser 2ª ou 3ª. Ela era tão boazinha. Sempre queria saber se a gente tava precisando de ajuda. E ela ia e ajudava mesmo. As minhas lições ela sempre ajudava. Agora o resto era tudo igual. Ia lá dava aula e pronto. Era assim."

• Mercadão: 19/11/96
sexo: masculino
idade: 19 anos
profissão: auxiliar de escritório
escola pública: 1° grau

"Professor é aquele cara que nasceu pra estudar. Eu já não dou conta dissso. Tem pessoas que nasceram pra isso. Tem vontade, sabe? Tive muita professora boazinha. Daquelas que pegam na mão. Mas a que eu mais me lembro é a de uma professora brava, acho que o nome dela era D. Neusa. Aquela era triste, você não podia virar prolado. Nossa! Mas eu aprendia tudo. Tava na 3° série e acho que fui bem porque tinha obrigação de prestar atenção. Acho que a professora tem mesmo que pegar no pé. É, porque tem muito aluno assim que nem eu, que gosta de bagunçar. E aí a maioria das pessoas taria analfabeto até hoje se não tivesse professor bravo."

• Mercadão: 19/11/96
sexo: feminino
idade: 26 anos
profissão: do lar
escola particular: 1° e 2° graus

"O professor é alguém escolhido para aquilo. Tá ali pra ensinar e se não fizer isso bem feito vai prejudicar toda uma geração. Eu estudei até o colegial obrigada. Meu pai não ia deixar eu casar se não tivesse terminado o colegial. Terminei por isso. Hoje meus filhos de 4 e 6 anos vão à escola. Quero que tomem gosto, porque eu não gostava. Mas acho importante. As crianças adoram as professoras. É que elas são novinhas, tem muita paciência"

• Mercadão: 19/11/96
sexo: masculino
idade: 29 anos
profissão: pedreiro
escola pública: até 4ª série do 1° grau

"É importante estudar, se eu tivesse estudado talvez hoje eu seria alguém. Minhas professora sempre falava isso, mas eu não dei atenção. Acho que era verdade. Vou ser pedreiro pro resto da vida."

• Mercadão: 19/11/96
sexo: masculino
idade: 47 anos
profissão: mecânico / funileiro
não estudou

"Nunca precisei de professor pra me ensinar a minha profissão. Sei assinar meu nome porque minha mulher me ensinou. Mas acho importante ter a escola. Meus filhos, por exemplo, vão na escola e gostam muito. O da 3ª série às vezes reclama que a professora é brava, mas tem que ser mesmo porque senão já pensou aguentar aquele bando de moleques? O da 8ª série gosta, agora ele vai fazer um curso na contabilidade e foi um professor dele que conseguiu a vaga. Acho legal isso. Porque você vê, eu não ia conseguir isso pra ele, eu não tenho condição pra chegar lá e falar lá na escola. Mas o professor dele que é estudado e sabe das coisas se preocupou, né? Acho que a escola precisa ensinar mas também precisa descobrir o que os aluno precisa, né?"

• Mercadão: 19/11/96
sexo: masculino
idade: 38 anos
profissão: operário de fábrica
escola pública: até 4ª série do 1° grau
supletivo na firma: cursando até 8ª série do 1° grau

"A professora lá da escola era brava. Faz tempo já. Não lembro direito. Eram bravas mas ensinavam direitinho. Não é igual hoje que você vê as coisa errada no caderno dos meninos, meus filhos, e as professora não vê. Lá na firma os professores ficam pouco tempo. Cada bloco é um professor diferente que dá. Não dá tempo de saber se você gosta dele ou não."

ANEXO II
Galleria 24/11/96

- Galleria: 24/11/96

sexo: masculino
idade: 32 anos
profissão: advogado
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau, faculdade

"É fundamental estabelecer que o essencial do bom professor é a vontade que ele tem ou não em desempenhar seu papel, que para mim, é o de basicamente ensinar, transmitir conhecimento. Se souber muito mas não conseguir transmitir o que sabe, de nada vai adiantar, e isso só se consegue com força de vontade."

- Galleria: 24/11/96

sexo: feminino
idade: 22 anos
profissão: bancária
escola pública: cursando 2° grau

"Professor é um cara com paciência.Porque se não tiver paciência não aguenta a barra. Os que eu mais gostei eram os do ginásio - 5° e 6° séries - sei lá, acho que é porque a gente não era nem criança, nem adolescente e eles tinham um certo cuidado com a gente. Era legal isso."

- Galleria: 24/11/96

sexo: masculino
idade: 27 anos
profissão: estudante
escola particular: até 2° grau, cursando 6° ano de Medicina

"Professor é uma profissão rara. Rara porque muitos que estão aí tomando esse nome, na verdade não são professores. Não estão nem aí com nada. Professor é aquele que tá preocupado com a educação e não com a quantidade de conhecimento que vai passar para o aluno. É, tem que estar preocupado com a educação. Acho que o fundamental é isso. Marcante mesmo estão sendo os da faculdade. Eles ensinam ao mesmo tempo que estão preocupados com você em relação ao curso."

UNIC[illegible]TOA

• Galleria: 24/11/96
sexo: masculino
idade: 25 anos
profissão: publicitário
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau e faculdade

"Interessante sua pesquisa, mas cuidado para não ficar desestimulada com as respostas. Eu, por exemplo, não lembro de algum professor que tenha sido marcante. Acho que a educação deveria ter um caráter mais humano. Hoje em dia é muito técnico, muito rápido [pausa] perdeu aquela coisa, sabe, de [pausa] o professor não se preoocupa mais com o aluno como indivíduo, e isso a meu ver é fundamental."

• Galleria: 24/11/96
sexo: feminino
idade: 33 anos
profissão: diretora de creche
escola pública: 1° e 2° graus
escola particular: faculdade

"Todo mundo tem alguma experiência marcante. Eu lembro até hoje de meu professor de Ciências da 8° série. Ele era careca, grandão, tagarela, vivia com a gente no laboratório da escola para fazer experiências. As aulas dele passavam tão rápido. Era uma coisa divertida e a gente aprendia mesmo. Gostava muito dele. Quanto à função do professor, na minha opinião, deveria ser como a desse meu professor: grudar o aluno na matéria, porque aí ele aprende."

• Galleria: 24/11/96
sexo: masculino
idade: 47 anos
profissão: advogado
escola pública: 1° e 2° graus
escola particular: faculdade

"Não se pode negar a precariedade do sistema escolar público no país. O que se pode elogiar é a garra dos nossos professores que com baixos salários e sem reconhecimento da importância de seu papel perante o governo e também sociedade, ainda assim lutam por uma educação digna e justa para esse povo injustiçado. Para mim o papel principal do professor é criar condições para que seus alunos prossigam os estudos buscando ser conscientes cidadãos. Eu lembro com carinho da maioria de meus professores. Um ou outro poderia ter ficado dormindo ao invés de matar tempo - entre aspas - na escola."

• Galleria: 24/11/96
sexo: masculino
idade: 52 anos
profissão: médico
escola particular: 1° e 2° graus
universidade pública

"Eu sou professor na Faculdade Paulista de Medicina e entendo que a nossa principal função seja a de provocar nos alunos a vontade de aprender cada vez mais e criar condições para que eles busquem as informações em fontes verdadeiras. Lembro-me de alguns professores da faculdade, os outros [pausa] já faz muito tempo."

• Galleria: 24/11/96
sexo: feminino
idade: 28 anos
profissão: arquivista
escola pública: até 2° grau

"A professora precisa ter vocação, dedicação, gostar do que faz. É uma tarefa difícil ensinar as crianças. As professoras geralmente são boazinhas, mas me lembro de uma que era muito severa, e ela ensinava direitinho, nunca me esqueci dela."

• Galleria: 24/11/96
sexo: feminino
idade: 24 anos
profissão: enfermeira
escola particular: até o 2° grau

"O professor tem que estar interessado no que faz e por isso fazer os alunos se interessarem também pelo estudo. Tem uma professora do primário que me marcou muito, ela era tão boazinha, doce, um amor de pessoa."

• Galleria: 24/11/96
sexo: masculino
idade: 29 anos
profissão: desenhista projetista
escola particular: até 2° grau

"A professora tem que ser democrática, saber entender os problemas dos alunos, saber conversar, entender a realidade em que eles estão inseridos, a linguagem que usam, enfim, suas condições sócio-econômicas, sua cultura, sua família. O professor precisa ser uma espécie de equilibrista e ensinar de acordo com as necessidades da classe, sem esquecer as matérias obrigatórias, mas poupar os alunos de coisas que não lhe são vivenciadas."

- Galleria: 24/11/96

sexo: masculino
idade: 22 anos
profissão: enfermeiro
escola pública: 1° e 2° graus

"Para mim professora é uma profissão super difícil porque o cara tem que ficar estudando o tempo todo para estar atualizado. A professora tem que saber ensinar, não adianta saber o conteúdo só para ele, tem que saber transmitir, e para isso precisa ficar estudando. Eu não gosto muito de estudar, mas tenho algumas professoras na memória que eu guardo com muito gosto, a maioria da escola primária. Acho que são as mais dedicadas"

- Galleria: 24/11/96

sexo: feminino
idade: 18 anos
profissão: recepcionista
escola particular: 1° e 2° graus

"A professora precisa dar o exemplo, se ela estuda, se informa e mostra que é bom o que faz, o aluno naturalmente vai atrás. Eu dou atenção a professores que se mostram competentes."

ANEXO III
Mercadão 14/05/97

- Mercadão: 14/05/97

sexo: masculino
idade: 21 anos
profissão: técnico em eletrônica
escola particular: até 2° grau

"Ser professor é uma profissão igual às outras. Eu só acho que o professor leva trabalho pra casa e a gente não. Mas dentro da escola ele tem que ensinar a matéria dele e fazer que os alunos queiram aprender aquilo. Eu só tive dois ou três professores assim e foram esses que me marcaram."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: feminino
idade: 37 anos
profissão: faxineira
escola pública: até 4ª série do 1° grau

"Ser professor deve de ser bom porque apesar de ganhar pouco tem estudo. Eu estudei pouco e hoje não dá pra voltar. Eu não gostava muito da escola não. Mas fazia tudo direitinho, nunca repeti de ano não. Eu só me lembro das professora brava. Elas só queriam saber de ensinar e não queriam saber se a gente tinha aprendido. Meus dois filhos já pararam de estudar, um fez até a 5ª série, o outro fez até a 8ª . Eu não vou obrigar não."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: masculino
idade: 30 anos
profissão: serralheiro
escola pública: 1° grau

"O professor tem o dever de estudar muito porque quanto mais ele estudar mais vai saber ensinar. Eu tinha uma professora que sabia tudo que a gente perguntava. Foi dela que eu mais gostei."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: feminino
idade: 23 anos
profissão: programadora
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau

"Eu acho que o professor tem muitas funções, mas levando em conta o salário que ele ganha acho que ensinar na sala de aula já está bom. Eu não faria mais que isso se estivesse no lugar deles. Para mim, os professores mais marcantes foram aqueles que mostravam interesse pelo que faziam e ensinavam bem."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: feminino
idade: 35 anos
profissão: vendedora
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau, faculdade

"Eu penso que a função é transmitir aquilo que ele estudou, preocupando-se em informar o aluno como chegou a este conhecimento. Acho que aprender por aprender não leva a nada; tem que ter uma explicação."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: feminino
idade: 29 anos
profissão: cozinheira
escola pública: até 5ª série do 1° grau

"A função do professor é ensinar as matérias da escola. É também gostar do que faz, né?"

- Mercadão: 14/05/97

sexo: masculino
idade: 29 anos
profissão: padeiro
escola pública: cursando 3ª série do 2° grau

"Eu tinha parado de estudar e agora que voltei tô achando tudo um pouco diferente do que era. Antes os professores colocavam a matéria na lousa, ensinavam e davam a prova. Agora eles ainda fazem assim mas acho que o professor quer se aproximar de nós alunos, eu não tô entendendo muito bem onde isso vai chegar, mas gosto mais assim."

• Mercadão: 14/05/97
sexo: masculino
idade: 31 anos
profissão: mestre de obra
escola pública: 1° grau

"O professor tem que saber o que acontece na vida dos alunos para poder ensinar direito. Não adianta querer ensinar uma criança que tá doente, o professor precisa prestar atenção pra ver o que tá acontecendo e aí ele vai poder ensinar direito."

• Mercadão: 14/05/97
sexo: masculino
idade: 30 anos
profissão: torneiro mecânico
escola pública: 1° grau
senai: cursando na empresa

"A função dos professores é fazer os alunos aprenderem para passar para a próxima série. E eu acho que para conseguir isso eles tem que ficar amigos das crianças e conhecer elas para saber do que estão precisando. Eu tive muitas professoras bravas e não conseguia aprender direito porque tinha medo delas."

• Mercadão: 14/05/97
sexo:masculino
idade: 28 anos
profissão: padre
escola particular: até o seminário

"O professor é como um padre, precisa ter vocação para sua função. Só consegue exercer essa profissão aquele que se dedica a ela profundamente. Eu gostei da maioria de meus professores, mas as que me deixaram melhores lembranças foram as do grupo primário."

• Mercadão: 14/05/97
sexo: masculino
idade: 32 anos
profissão: açougueiro
escola pública: até 4° série do 1° grau

"Professor é uma profissão boa porque a pessoa que é professor tem que ficar estudando e aí fica mais sabido que a gente que parou de estudar. Eu quando ia na

escola gostava mais ou menos dos professores. É que tem professor legal e o que não é legal. O legal ensina direito."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: masculino
idade: 26 anos
profissão: químico industrial
escola pública: 1° e 2° graus

"A função do professor é ensinar e ficar atualizado, porque hoje o mundo anda muito rápido. Se não for assim os alunos perdem o interesse. Esse negócio de estudar vida de Faraó é coisa do passado; hoje é preciso estudar a globalização, as crises atuais, senão a escola fica ultrapassada,e é por isso que muitos alunos não gostam dela. O professor precisa fazer alguma coisa atual para chamar a atenção dos alunos. Eu não tenho boas recordações da escola."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: masculino
idade: 28 anos
profissão: vendedor de gás
escola pública: até 5ª série do 1° grau

"Professor tem que estudar muito, ensinar direito e ser amigo dos alunos. Eu só tive uma professora assim, era a D. Júlia, e foi a única que eu gostei de verdade."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: feminino
idade: 47 anos
profissão: gerente de posto de gasolina
escola pública: 1° e 2° graus

"O professor é um trabalhador que precisa estudar e se atualizar senão não consegue trabalhar na escola. É uma pessoa muito importante pra nossa sociedade porque é ele que vai colocar na cabeça das pessoas como é que elas podem mudar a situação. Só as pessoas que estudam é que sabem votar direito e reivindicar melhores coisas pra vida do dia a dia."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: feminino
idade: 19 anos
profissão: modelo
escola particular: até 2° grau

"Eu gosto dos professores que se importam com os alunos."

• Mercadão: 14/05/97
sexo: feminino
idade: 25 anos
profissão: secretária
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau

"A professora tem que se dedicar na escola, não adianta querer ser boa só dentro da sala de aula. O trabalho é um só e precisa ter mais união com os outros professores. Eu tinha uma professora assim e dava certo. Mesmo quando a gente passava para outra série ela sabia da gente e ajudava a escola a ficar melhor. Foi dessa professora que eu mais gostei."

• Mercadão: 14/05/97
sexo: feminino
idade: 36 anos
profissão: dentista
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau e faculdade

"O trabalho da professora precisa ter qualidade e quantidade, uma sem a outra faz com que o trabalho tenha falhas. É preciso que ele tenha preocupação com as informações que está passando, estudando e analisando. A professora precisa ser uma constante pesquisadora, pois seu trabalho compromete muitas pessoas."

• Mercadão: 14/05/97
sexo: masculino
idade: 42 anos
profissão: metalúrgico
escola pública: 1° grau
* faz senai na firma onde trabalha

"Acho que tem duas coisas: professora de criança precisa ser bonzinha e tem que ser mulher, que é mais carinhosa e a criança não fica estranhando, precisa ensinar com gosto e ser dedicada. Agora dos maaiores, principalmente os adolescentes precisa ser mais firme, ensinar com mais dureza senão não consegue. Os professores precisam ter muita paciência e delicadeza, porque as crianças não tem culpa de não aprender rápido."

• Mercadão: 14/05/97
sexo: masculino
idade: 38 anos
profissão: mecânico
não estudou

"Eu arrependi de num ter estudado, minha mãe pôs eu na escola um par de vez mas eu nu7m consegui aprende as lição, ai ela desistiu. Meus filho vai na escola e eu acho que eles tem que ir mesmo, os mais pequeno gosta das tias [as professoras]"

- Mercadão: 14/05/97

sexo: masculino
idade: 29 anos
profissão: pedreiro
não estudou

"Acho que as professoras devia dar aula pra todo mundo, pros rico e pros pobre."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: masculino
idade: 22 anos
profissão: garçom
escola pública: até 4ª série do 1° grau
cursa supletivo até 8ª série do 1° grau

"A professora precisa ser competente e gostar do que faz. É desse tipo de professora que eu gosto. Quando a professora não é dedicada não pode exigir que os alunos gostem de aprender."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: masculino
idade: 38 anos
profissão: coordenador de marketing
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau e faculdade

"A professora que gosta do que faz, se dedica e se aperfeiçoa constantemente é a melhor. Nunca tivve professora assim."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: feminino
idade: 26 anos
profissão: nutricionista
escola particular: até faculdade

"Eu acho que o aluno aprende muito mais quando a professora dá o exemplo na vida. Quando o professor é bagunçado, não tem as coisas em ordem, é despreparado para dar aula como é que ele pode querer organização por parte dos alunos? Para mim a principal função do professor é ensinar os alunos a serem organizados e interessados

pelas coisas. A professora precisa viver isso para poder ensinar. Eu tinha uma professora que a gente não tinha nada para falar dela, era ordeira, disciplinada, não dava motivos para falarem dela e ela foi exemplo para mim, é assim que a gente aprende, pelos exemplos das outras pessoas."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: feminino
idade: 43 anos
profissão: costureira
escola pública: até 7ª série do 1° grau

"Eu acho que a função do professor é ensinar os alunos a estudar. Tem professor que não ensina nada, abre o livro e manda fazer cópia, aí ninguém aprende e vira bagunça. Quando eu ia na escola era assim, ninguém gostava, porque tudo virava bagunça e ninguém aprendia direito. A professora não punha respeito, é, porque ela tem que fazer isso também."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: masculino
idade: 51 anos
profissão: ferramenteiro
escola pública: até 6ª série do 1° grau

"No mundo de hoje acho que as relações entre professor e aluno são mais importantes do que ficar enchendo o quadro de um monte de coisa. A professora precisa ensinar a criança a estudar. Eu não gostava das minhas professoras, uma ou outra eram boazinhas."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: masculino
idade: 57 anos
profissão: relojoeiro
escola pública: 1° grau

"O professor é uma das poucas profissões que ainda faz as pessoas querer as coisas. Pra ser alguém na vida precisa estudar e é a professora que vai ensinar a estudar. Minhas professoras sempre falava que eu ia ser alguém se eu estudasse."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: feminino
idade: 20 anos
profissão: digitadora
escola particular: 1° grau, cursando 2° grau

UNICAMP

"Seria legal se a escola ensinasse o que a gente precisa aprender, mas não, o professor só quer ensinar o que tá no livro e isso nem sempre é interessante. Meus professores - quase todos - cumprem esse papel, enchem a lousa e falam sobre aquilo, e pensam que estão ensinando. O professor precisava ensinar a estudar, é o que eu acho."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: feminino
idade: 19 anos
profissão: auxiliar de escritório
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau

"O professor tem que cativar o aluno, porque só assim faz o aluno prestar atenção na aula e aprender. Pra ele aprender precisa o professor ensinar ele a estudar."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: feminino
idade: 27 anos
profissão: costureira
escola pública: 1° e 2° graus

"Uma das funções do professor é ser dinâmico, criativo, pra chamar a atenção dos alunos e fazê-los aprender a estudar, e se o aluno não aprender a esudar o professor não consegue ensinar. Eu gostei muito de um professor que era alegre, mas ele era também muito severo, não admitia bagunça."

- Mercadão: 14/05/97

sexo: masculino
idade: 45 anos
profissão: pedreiro
escola pública: 1° grau

"A professora tem que ensinar o que tá nos livro."

ANEXO IV
Galleria 22/05/97

- Galleria: 22/05/97

sexo: masculino
idade: 35 anos
profissão: gerente de marketing
escola pública: até 6° série do 1° grau
escola particular: até faculdade

"O professor tem que atender às necessidades dos alunos e oferecer situações para que eles aprendam com vontade. A motivação não pode ser separada do indivíduo e da realidade. O professor tem que, entre aspas, vender seu peixe, mostrar porque aquilo que ele está ensinando é importante. As aulas precisam ser gostosas. Eu gostei muito de alguns professores, geralmente os que possuiam essas características."

- Galleria: 22/05/97

sexo: masculino
idade: 27 anos
profissão: supervisor de vendas
escola pública: até 2° grau
escola particular: cursando 3° ano faculdade

"O professor tem que vender seu produto, que é a educação, e isso ele vai fazer bem quando usar todos os meios disponíveis a seu favor; o professor precisa motivar seus alunos."

- Galleria: 22/05/97

sexo: feminino
idade: 21 anos
profissão: programadora
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau

"Acho que o professor deve incentivar o aluno a estudar, porque senão o que acontece é que o aluno acaba somente assistindo às aulas e não aprende de verdade. Gostei muito das minhas professoras do primário, eram as mais boazinhas."

• Galleria: 22/05/97
sexo: masculino
idade: 25 anos
profissão: segurança
escola pública: 1° grau

"O professor tem que fazer o aluno gostar de aprender, hoje ninguém quer estudar e isto é muito importante."

• Galleria: 22/05/97
sexo: masculino
idade: 27 anos
profissão: assistente de exportação
escola particular: até a faculdade

"O professor precisa ensinar, mas também se importar com o aluno, gostar mesmo. Eu gostava dos professores que gostavam de mim."

• Galleria: 22/05/97
sexo: masculino
idade: 35 anos
profissão: técnico da segurança do trabalho
escola pública: até 7° série do 1° grau
escola particular: 8° série do 1° grau, 2° grau e faculdade

"O professor precisa ensinar os alunos a pensar, a criticar, a perceber as diferenças. Com a globalização a escola precisa ficar mais dinâmica. Acho que os professores tem um pouco de medo de enfrentar a realidade, de que o mundo está mudando rápido demais e suas teorias estão ficando para trás. Tive professores bons e ruins. Isso existe em todas as profissões."

• Galleria: 22/05/97
sexo: feminino
idade: 32 anos
profissão: dentista
escola particular: 1° e 2° graus e faculdade

"O professor tem que ser consciente, organizado e muito crítico. Sem isso seu trabalho fica estagnado. A sua função não é somente ensinar o que está escrito nos livros, mas fazer um registro da história, da verdade, e para isso é preciso haver crítica sobre a realidade. Eu sempre fui muito estudiosa e por isso mesmo gostava da escola. Hoje, com a cabeça que tenho, não sei se seria assim."

• Galleria: 22/05/97
sexo: feminino
idade: 38 anos
profissão: representante comercial
escola particular: 1°, 2° graus e faculdade

"O professor precisa estar bem informado, ser uma pessoa culta, e deve transmitir isso aos alunos e não esquecer da cultura, fazendo assim, ao mesmo tempo em que divulga seu produto, que é a educação, ensina os alunos a tomarem consciência de quem são."

• Galleria: 22/05/97
sexo: feminino
idade: 30 anos
profissão: analista de suporte técnico
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau

"O professor não pode ser uma pessoa limitada, deve saber mais do que aquilo que ensina. Se ele for assim, os alunos vão perceber e quem sabe até imitá-los. Precisa dar o exemplo, precisa estudar também. Eu nunca gostei muito de estudar, mas gostava das professoras.

• Galleria: 22/05/97
sexo: masculino
idade: 29 anos
profissão: engenheiro calculista
escola particular: 1°, 2° e faculdade

"A professora tem a função primordial que é levantar esse país. Acho que é uma das poucas profissões que tem o poder de mexer com todas as parcelas da população, mas a classe não está preparada para isso, não são unidos. Qual é a outra pergunta? [pausa]. Eu tive uma professora de cCiências que me fez acreditar e seguir meus sonhos."

• Galleria: 22/05/97
sexo: masculino
idade: 47 anos
profissão: médico veterinário
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau e faculdade

"A professora tem que impor autoridade, mostrar que é ela que sabe e os alunos precisam aprender a respeitá-la, isso só acontece quando a professora sabe exatamente o que está fazendo ali. Ensinar não é fácil e exige competência e dedicação. Já faz tempo que sou formado e com o tempo a gente se esquece dos professores, não lembro."

- Galleria: 22/05/97

sexo: masculino
idade: 37 anos
profissão: micro empresário
escola particular: 1° grau até faculdade

"Não querendo te desanimar, mas ainda bem que não preciso dar aula. Trabalhar muito e ganhar pouco não faz meu estilo. Tenho boas recordações das minhas professoras do primário. Eram carinhosas. Acho que para trabalhar com crianças é preciso vocação."

- Galleria: 22/05/97

sexo: masculino
idade: 42 anos
profissão: médico/professor
escola particular: até a faculdade

"É uma profissão nobre, que merecia maior destaque perante a sociedade. Todo mundo precisa de professor. Pena que se esquecem disso quando já estão formados. Eu tive boas relações com meus ex-professores e procuro manter um relacionamento equilibrado com meus alunos."

- Galleria: 22/05/97

sexo: masculino
idade: 46 anos
profissão: dentista
escola pública: até 2° grau
escola particular: faculdade

"O amor é a essência de toda e qualquer profissão. Não só o professor deve amar o que faz como é preciso dedicação, gasto de tempo, tolerância e paciência para poder ensinar e isso só se completa com compromisso. É preciso competência. Eisso, falo com tristeza, está faltando nas professoras. [pausa] Ficou marcado para mim uma professora bem velhinha que eu tive e que possuía todas essas características das quais eu falei."

• Galleria: 22/05/97
sexo: masculino
idade: 22 anos
profissão: estoquista
escola pública: até o 2° grau

"Professora é tudo igual, o que muda é se ela é boazinha ou não! Ela é a que sabe e vai transmitir isso para o aluno. Não acho que a professora seja a dona do conhecimento, mas que sabe muito, isso ela sabe."

• Galleria: 22/05/97
sexo: masculino
idade: 28 anos
profissão: engenheiro
escola particular: até a faculdade

"Bom, acho que no geral a professora tem a função de ensinar, transmitir aquilo que ela sabe para os alunos que ainda não sabem. Mas é também ensinar o aluno a andar com as próprias pernas, fazendo com que ele aprenda a estudar. Eu gostava muito das minhas professoras do primário, sabe aquelas que a gente chamava de tia e eram boazinhas."

• Galleria: 22/05/97
sexo: feminino
idade: 33 anos
profissão: do lar
escola pública: até 2ª série do 2° grau

"Tem que ser inteligente e gostar do que faz. Eu gostava das professoras do primário."

• Galleria: 22/05/97
sexo: feminino
idade: 22 anos
profissão:operadora de computador
escola pública: até 2° grau
escola particular: faculdade

"Precisa ser uma pessoa dinâmica e habilidosa. Precisa gostar do que faz, ser inteligente e gostar de crianças. Quando eu era criança eu gostava mais das professoras do primário."

• Galleria: 22/05/97
sexo: feminino
idade: 25 anos
profissão: bibliotecária
escola pública: até 2° grau
escola particular: faculdade

"Com tanta informação que as crianças tem hoje através dos meios de comunicação, computador e etc as professoras deviam ensinar sabe o quê? Os alunos a estudarem. Eu gostei muito de uma professora que estimulava a pesquisa, era gostoso estudar, a gente ficava interessado em aprender porque ela fazia de tudo pra motivar a classe."

• Galleria: 22/05/97
sexo: feminino
idade: 52 anos
profissão: do lar
escola pública: 1° grau

"As professoras devia cuidar lais das crianças de hoje que são muito espertas, conhecer suas necessidades. Mas acho que apesar de tudo ainda tem muita professora boazinha."

• Galleria: 22/05/97
sexo: feminino
idade: 28 anos
profissão: advogada
escola pública: 1° e 2° graus
escola particular: faculdade

"Algumas professoras se destacaram para mim pelo seu caráter heróico, mostravam o porque das coisas e lutavam para mostrar a importância da escola. E eu acho que esses merecem destaque, principalmente hoje que quase ninguém gosta da escola e elas continuam insistindo na educação e muitos até conseguem dar uma boa aula."

• Galleria: 22/05/97
sexo: feminino
idade: 30 anos
profissão: desenhista
escola pública: 1° grau
escola particular: 2° grau e faculdade

"Hoje professor é tudo: ensina, aguenta problema de aluno, diretor chato, pai na porta da escola reclamando e ainda tem que chegar em casa e preparar aula, se atualizar. Quem aguenta isso? Ainda por cima tem que ser bonzinho com os alunos."

- Galleria: 22/05/97

sexo: feminino
idade: 48 anos
profissão: do lar
escola pública: 1° grau

"A professora deve ser competente, ter talento para ensinar. Acho que é uma questão de ter vocação. Eu não gostava muito de ir à escola, não lembro de alguma professora que tenha ficado na lembrança."

- Galleria: 22/05/97

sexo: feminino
idade: 32 anos
profissão: analista de sistema
escola pública: 1° e 2° graus
escola particular: faculdade

"A função é ensinar, mas acho que as professoras precisavam também trabalhar pela profissão, reivindicando de forma séria, salários mais justos e melhores condições de trabalho, escolas equipadas, funcionários em número adequado e tudo o que falta para lhe assegurar uma relação harmônica na escola."

- Galleria: 22/05/97

sexo: feminino
idade: 19 anos
profissão: estudante
escola pública: cursando 2° grau

"A função dela é ensinar e também manter o aluno informado, ensinando-o a estudar em casa também, se a professora não estimular isso o aluno só vai estudar na escola e aí não resolve muita coisa. Eu gostava mais da época do primário, as professoras eram mais boazinhas."

- Galleria: 22/05/97

sexo: feminino
idade: 30 anos
profissão: estilista
escola pública: 1° e 2° graus
escola particular: faculdade

"Eu adorava minhas tias do primário. Depois que a gente entra na adolescência vai perdendo aos poucos essa coisa de ser próximo do professor. A professora tem que ser uma pessoa de caráter."

XI- BIBLIOGRAFIA CITADA

BARBOSA, M. C. S. *"E o trabalho educativo, onde fica a subjetividade?"*. ***Educação, Subjetividade e Poder.*** Porto Alegre: Unijuí/UFRGS, 1994.

BASSO, Rita. ***Representações sociais dos alunos de segundo grau.*** Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 1984 (tese de mestrado).

CAPRA, F. ***O ponto de mutação.*** São Paulo: Cultrix, 1982.

DEMARTINI, Zeila de Britto F. *"Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais."* VON SIMSON, Olga de Morais (org). ***Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil).*** São Paulo: Vértice/ Editora dos Tribunais, 1988, pp 44-105.

FRANCO, M. L. et allii. *"Áreas críticas e distorção do segundo grau no município de São Paulo."* ***Educação e Sociedade.*** Campinas: Cadernos Cedes, n 24, 1983.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do Oprimido.*** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____.***Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.*** São Paulo: Olho d'água, 1993.

GARCIA, Dirce M. F. ***Professores alfabetizadores da escola pública: representações e apropriações.*** Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 1997 (tese de mestrado).

HYPOLITO, Álvaro Moreira. ***Trabalho docente, classe social e relações de gênero.*** Campinas: Papirus, 1997.

KANAANE, Roberto. ***O ensino técnico-profissional e sua representação social: análise de uma escola técnica estadual do município de São Paulo.*** São Paulo: USP, 1989 (tese de doutorado).

KREUTZ, Lúcio. *"Magistério: vocação ou profissão"*. ***Educação em Revista.*** Belo Horizonte, n 3, jun 1986.

LEONTIEV, A. ***O desenvolvimento do psiquismo.*** Lisboa: LDA, 1978.

LOURO, Guacira Lopes. *"Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher."* ***Educação e Realidade.*** Porto Alegre, v. 14, n. 2, pp 31-39, jul./dez.1989.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *"Verificação ou avaliação: o que pratica a escola?"* CUNHA. M. C. A. A. Et allii. ***A construção do projeto de ensino e avaliação.*** São Paulo: FDE, 1990.

LURIA, A. R. ***Curso de psicologia geral, vol. III.*** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. ***Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria.*** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MOSCOVICI. S. ***A representação social da psicanálise.*** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, M. K. ***Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico.*** São Paulo: Scipione, 1993.

OLIVEIRA, Valeska. *"Imaginário social e educação: uma aproximação necessária"*. ***Educação, Subjetividade e Poder.*** Porto Alegre: Unijuí/UFRGS, 1994.

PASSOS, L. F. ***A representação e a prática pedagógica do professor de didática da habilitação específica para o magistério.*** Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 1990 (tese de mestrado).

POSTIC, Marcel. ***O imaginário na relação pedagógica.*** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

PRODI, Giorgio. ***O indivíduo e sua marca.*** São Paulo: Unesp, 1993.

QUEIROZ, M. I. P. *"Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível'"*. VON SINSON, Olga de Morais. ***Experimentos com histórias de vida.*** São Paulo: Vértice, 1988.

RODRIGUES, Neidson. ***Da mistificação da escola à escola necessária.*** São Paulo: Cortez, 1992.

ROMEU, S. A. ***Escola: objetivos organizacionais e objetivos educacionais.*** São Paulo: EPU, 1987.

RUBSTEIN, S. L. ***Princípios de psicologia geral.*** Buenos Aires: Gribaldo, 1982.

SALLES, Leila M. F. *"A representação social do adolescente e da adolescência: um estudo em escolas públicas."* ***Cadernos de Pesquisa.*** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 94, 1995.

SILVA, Flávio Caetano. ***A percepção que a professora primária tem do exercício do magistério.*** Campinas: Faculdade de Educação, Unicamp, 1995.

SOUZA, Aparecida Neri de. ***Sou professor, sim senhor!*** Campinas: Papirus, 1996.

UHLE, Águeda Bernadete. *"Anotações sobre a utilização de fontes orais e biografias na pesquisa em educação."* UNICAMP/CNPQ: mímeo, 1996.

VYGOTSKY, L. S. ***A formação social da mente.*** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. ***Pensamento e linguagem.*** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WEBER, Silke. ***O professorado e o papel da educação na sociedade.*** Campinas: Papirus, 1996.

UNICAMP BIBLIOTECA

XII- BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

ARIÉS, Philippe. ***História social da criança e da família.*** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARROYO, Miguel G. ***Mestre, educador, trabalhador: organização do trabalho e profissionalização.*** Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 1985 (tese de titular).

CARVALHO, Olgamir Francisco de. ***A escola como mercado de trabalho; os bastidores da divisão do trabalho no âmbito escolar.*** São Paulo: Iglu, 1989.

DONZELOT, Jacques. ***A polícia das famílias.*** Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FALCÃO FILHO, J.L. *"A gestão compartilhada na escola".* ***Revista Brasileira de Administração da Educação (ANPAE).*** Brasília, v 8, n 2, jul/dez 1992.

FREM, Sandra A. ***Obstáculos e possibilidades para uma gestão democrático-participativa na escola estadual.*** Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 1989 (tese de mestrado).

GIROUX, Henry. *"Pedagogia crítica e o intelectual transformativo".* FELDENS, Maria das Graças et alii. ***Ensino e realidade: análise e reflexão.*** Porto Alegre: UFRGS, 1986.

GOMES, Cândido. ***A educação em perspectiva sociológica.*** São Paulo: EPU, 1985.

JÁEN, Marta Jimenez. *"Os docentes e a racionalização do trabalho em educação".* ***Teoria em Educação.*** Porto Alegre, n 4, 1991.

_____. ***Magistério e imigração alemã.*** São Paulo: PUC, 1985 (tese de doutorado).

LOPES, Eliane Marta. ***Origens da educação pública.*** São Paulo: Loyola, 1981.

MELLO, Guiomar Namo de. ***Magistério de primeiro grau: da competência técnica ao compromisso político.*** São Paulo: Cortez, 1982.

NOGUEIRA, Mazda j. *"Diretor/dirigente: a construção de um projeto pedagógico na escola pública"*. CUNHA, M. C. et alii. ***Idéias 15.*** São Paulo: FDE, 1992.

NÓVOA, Antônio. *"Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente"*. ***Teoria & Educação.*** Porto Alegre, n 4, 1991.

PESSANHA, Eurize Caldas. ***Ascensão e queda do professor.*** São Paulo: Cortez, 1994.

SANTOS, Older J. dos. *"Organização do processo de trabalho docente: uma análise crítica"*. ***Educação em Revista.*** Belo Horizonte, n 10, 1989.

THEVENET, Maurice. ***Cultura de empresa.*** Lisboa: Monitor, 1990.

VIEIRA, Jarbas Santos. ***Limites da racionalização do trabalho escolar (contradições e práticas do trabalho docente).*** Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, 1992 (tese de mestrado).